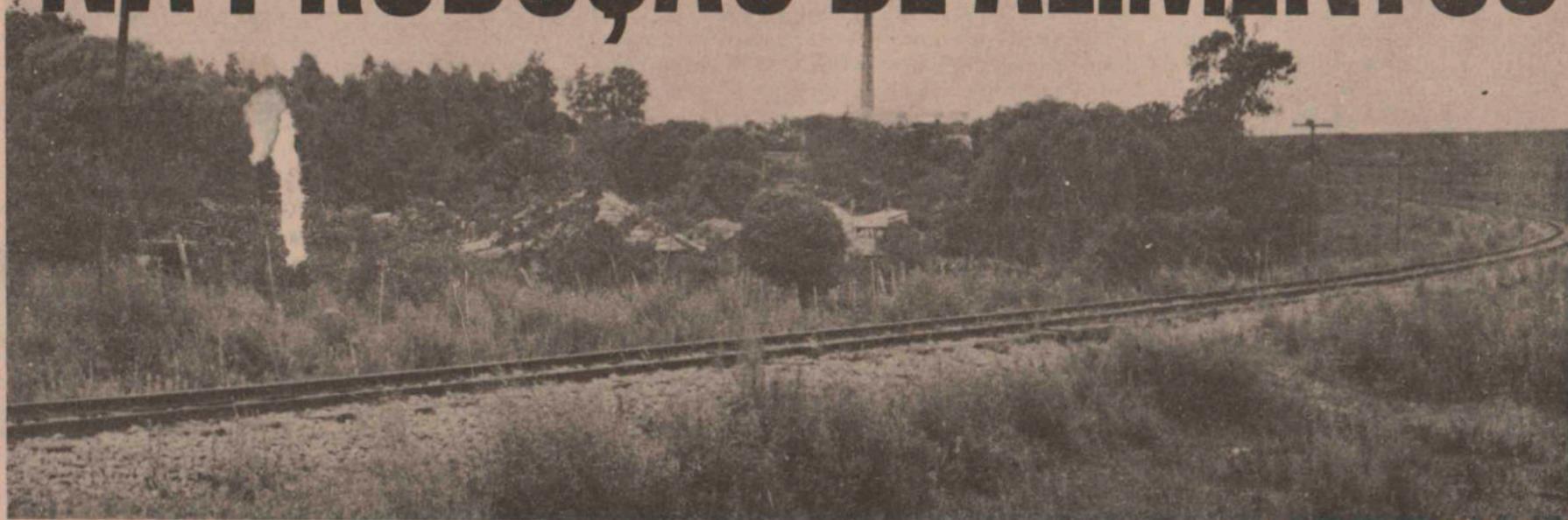


Cotrijui/Pedritense:

CAMPANHA E SERRA UNEM-SE NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS



Em meio a imensidão do pampa, a chaminé chega quase a se constituir num desafio. Mas se a chaminé está estrategicamente localizada junto à ferrovia e o telégrafo, então simboliza uma estampa do progresso. O ângulo fotográfico colhido pela reportagem do COTRIJORNAL no município de Dom Pedrito, mostra essa realidade. Ac fundo, sobressaindo das árvores, a chaminé do matadouro-frigorífico da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris, cooperativa essa que se localiza numa das regiões de maior perspectiva de progresso do extremo sul do País.

Os campos do Ponche Verde -- os mais finos do Brasil -- que por

cerca de 300 anos foram dedicados totalmente à pecuária, vão aos poucos cedendo parte de seus imensos espaços também à agricultura.

Nesta edição falamos sobre Dom Pedrito. Falamos igualmente da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris, uma pujante e tradicional organização que deseja crescer ao lado da COTRIJUI, no desempenho de atividades empresariais e de produção naquilo que o Brasil e o mundo mais necessitam: os alimentos.

Veja nas seções "Municípios" e "Cooperativismo", amplos informes desse projeto de incorporação.

CONFRATERNIZAÇÃO COM A IMPRENSA



No dia 31 de dezembro, a direção e assessores da COTRIJUI promoveram ato de confraternização com a imprensa da região, tendo tomado parte jornais e rádio-emissoras que tem sede nos municípios abrangidos pela cooperativa.

O ato constou de um churrasco na sede dos funcionários (AFUCOTRI), na Linha 3-Oeste, servido às 12 horas daquele dia.

Após o almoço o diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva fez palestra analisando o crescimento da cooperativa no ano de 1976, com análise de projeção para 1977. Na foto vista parcial do encontro, aparecendo ladeando o prefeito eleito Wilson Maximino Mânica, que compareceu como radialista que é, os diretores presidente e vice-presidente da COTRIJUI.



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS.

CGC/ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA N.º 243/73
CGC/MF - 90726506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Dreus.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
win Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bi-
zarelo, Flávio Sperotto e Reinhol-
do Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Kohler, Emílio Uhde e
Zeno Foletto.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Mário Euzires de Moura Guterres,
Harry Reisdorfer e Olderige Antonio
Bertol.

Capacidade em Armazenagem

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chlapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universida-
des e técnicos do setor, no país e ex-
terior. Nossa tiragem, 12.000 exem-
plares.



Associado
da ABERJE
Associação
Brasileira
de Editores
de Revistas
e Jornais
de Empresa

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esq. Av. Porto Ale-
gre, Caixa Postal, 111

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
matricula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

COOPERATIVISMO NA COMERCIALIZAÇÃO

A maior disciplinação do crédito rural, a extinção do subsídio aos fertilizantes, com medidas paralelas que visam a redução do déficit em nossa balança comercial com o resto do mundo, medidas essas anunciadas pelo Governo nos últimos dias do ano recém findo, indicam que acabamos de entrar num ano em que se processarão mudanças talvez acentuadas na semântica econômica do País.

Na fala presidencial pronunciada na noite de 29 de dezembro, o presidente Ernesto Geisel evidenciou que "não pode haver lugar para otimismo exagerados num universo de profecias sinistras que vão da estagnação à depressão econômica arrasadora".

É fácil deduzir, pois, que restrições mais rígidas ao crédito serão acompanhadas por controle de preços das mercadorias, fator esse considerado imprescindível para a contenção do processo inflacionário.

O ministro Mário Henrique Simonsen, da Fazenda, em recente pronunciamento, afastou a hipótese de volta aos tabelamentos tipo SUNAB. Mas em compensação, sabe-se que o CIP (Conselho Interministerial de Preços) vai controlar os preços de modo mais intenso e amplo.

Os preços dos produtos tanto desagradam aos agricultores como aos consumidores. Os primeiros pela pequena parcela do total pago pelos segundos, e estes pelos contínuos aumentos que são obrigados a aceitar, suprimindo estes aumentos de salários estáticos.

Não pode haver dúvida que a especulação com gêneros alimentícios, e principalmente estes, causa prejuízos e desestímulos a consumidores e produtores. Cumpre, portanto, procurar afastar os defeitos do mecanismo de comercialização, que elevam em demasia o custo das operações e eliminar vícios que resultam na formação de preços muitas vezes artificiais.

Outros fatores de evidente peso na formação de preços são os transportes, as vezes desnecessários (passeios de produtos), a classificação e as embalagens muitas vezes luxuosas, que evidentemente encarecem os produtos e não raro dão margem à especulação no peso e volume dos produtos, com prejuízos ao consumidor final.

Perguntamos se não será o caso de irmos, gradativamente, passando a prestação desse serviço às cooperativas, talvez numa primeira fase àquelas já possuidoras de infra-estrutura própria. Nos parece ser o caso de aproveitamento do sistema a granel para produtos agrícolas. Pelo volume dos produtos transportados e comercializados a granel, teremos o barateamento natural, beneficiando diretamente o produtor e o consumidor.

De outro modo, a boa estrutura das cooperativas — notadamente às do centro sul — na área de informação de mercado, lhes proporcionará um melhor manuseio dos produtos tanto nas compras como nas vendas ao consumo.

E o Governo, que tem estimulado com tanto realismo o cooperativismo de produção, se passar a adotar idêntica política no cooperativismo ao consumidor final, terá, a curto prazo, motivos para se parabenizar. É a nossa opinião.

DIVISAS AGRÍCOLAS SOMARAM US\$ 7, BI

Através de pronunciamento feito em São Paulo para o jornal a "Gazeta Mercantil", que o focalizou em sua edição que circulou a 21 de dezembro, o ministro Alysson Paulinelli, da Agricultura, disse que "até o final do ano as exportações de produtos agrícolas atingirão a expressiva soma de 7 bilhões de dólares, e o setor deverá crescer entre 4% e 5%".

Ressaltou na mesma oportunidade que "esse índice de crescimento é muito bom, considerando-se a baixa produção de café em 1976, que tem peso ponderável no cálculo do índice. Para que se faça idéia da quebra do café no ano que passou — enfatizou o Ministro — de 27 milhões de toneladas em 1974, caímos para tão somente 6,3 milhões de toneladas, o que puxou o índice geral pelo menos cinco pontos para baixo".

Pelo que se deduz das palavras do Ministro, a despeito da acentuada queda do café, fato que se registra no último triênio, outros setores da agricultura continuam dando o suporte sócio-econômico que o País necessita para o seu desenvolvimento. Para não falar da produção que tem no consumidor final 110 milhões de bocas dentro das fronteiras do País, produziu o agricultor nacional para consumo externo o equivalente a 7 bilhões de dólares.

É evidente, que para um País como o nosso, carente de divisas, com um déficit que se acentua em sua balança de pagamentos, todo o dólar carregado através da exportação tem um elevado significado no concerto da economia nacional. E não devemos esquecer que ainda nos dias de hoje, mais de 60% de nossas divisas são conseguidas através de produtos de origem agrícola.

Se de um lado o fato demonstra com clareza inofismável a importância da agricultura para a vida econômica do País, de outro lado a questão deve preocupar-nos. Tem-se dado ênfase nos últimos anos à produção de gêneros com mercados externos à feição, como é por exemplo o caso da soja. Regiões típicas de policultura passaram sucessivamente à prática da monocultura. Em vastas regiões do País tem-se permanecido com o trigo no inverno e a soja no verão.

E o Governo, que tem necessidade de uma agricultura para a exportação, vinha estimulando nos últimos anos e por todos os meios, a preservação dessa política. Hoje, e muito sabiamente, já passou a estender recursos financeiros para culturas tradicionais de consumo interno. É o caso do feijão preto e do milho, do arroz, da batata inglesa e inclusive de algumas forrageiras destinadas ao engorde de gado, como é o caso da aveia e a cevada para maltaria.

Essa política de financiamento destinada a garantir uma agricultura cada vez mais dinâmica, não somente deve permanecer, como deve manter níveis de juros compatíveis com a significação social do setor.

Se assim for, conforme declarou o ministro Alysson Paulinelli em seu pronunciamento feito à "Gazeta Mercantil", o produtor brasileiro ficará tranquilo e as empresas de comercialização poderão ficar cientes que vão manter a sua posição no mercado.

SAIBA PORQUE É BARATO O TRANSPORTE NOS EEUU

No período de 1º a 13 de novembro, a COTRIEXPORT promoveu uma segunda viagem aos Estados Unidos, levando outro pequeno grupo de líderes cooperativistas e empresários para uma visita aos pontos de maior interesse da economia primária e centros de navegação fluvial do grande País. Ao lado, falamos da comitiva e roteiro dos viajantes.

Além de visita de observação à Bolsa de Cereais de Chicago, para constatar o sistema operacional do "Hedge", os brasileiros preocuparam-se em ver a navegação fluvial que corta o País em todas as direções, fazendo com que os transportes de massa (volumes e peso) alcancem os portos de destino a preços módicos.

Falando ao COTRIJORNAL, disse o sr. Valdiner Silveira Fagundes, gerente operacional da COTRIEXPORT, que se se tomar por base a cidade de Nova Orleans, que se localiza no Golfo do México, onde desemboca o rio Mississipi (seis mil quilômetros da nascente a foz), pode ser analisado o seguinte quadro:

O sistema do rio Mississipi estende-se ao norte de Nova Orleans, até os Grandes Lagos, na fronteira com o Canadá. Amplia-se o sistema via rio Tennessee, para Knoxville e rio Ohio para Pittsburgh, até a Pennsylvania. Através da ramificação via rio Missouri dirige-se a cidade de Sioux, no Iowa, através da parte superior do rio Mississipi, na altura das cidades gêmeas de Saint Paul e Minneapolis, no Minnesota. Dessa altura, através do Canal do Illinois, vai-se a Chicago (que pode-se qualificar de Capital Cerealista do mundo) e aos Grandes Lagos, na costa do Canadá. Outro grande sistema fluvial é aberto desde Little Rock, no Arkansas, direto para Muskogee e Tulsa, no Oklahoma, via rio Arkansas. A leste de Nova Orleans é usado o Canal do Golfo até St. Marks River, e a cidade de Tampa, na Florida.

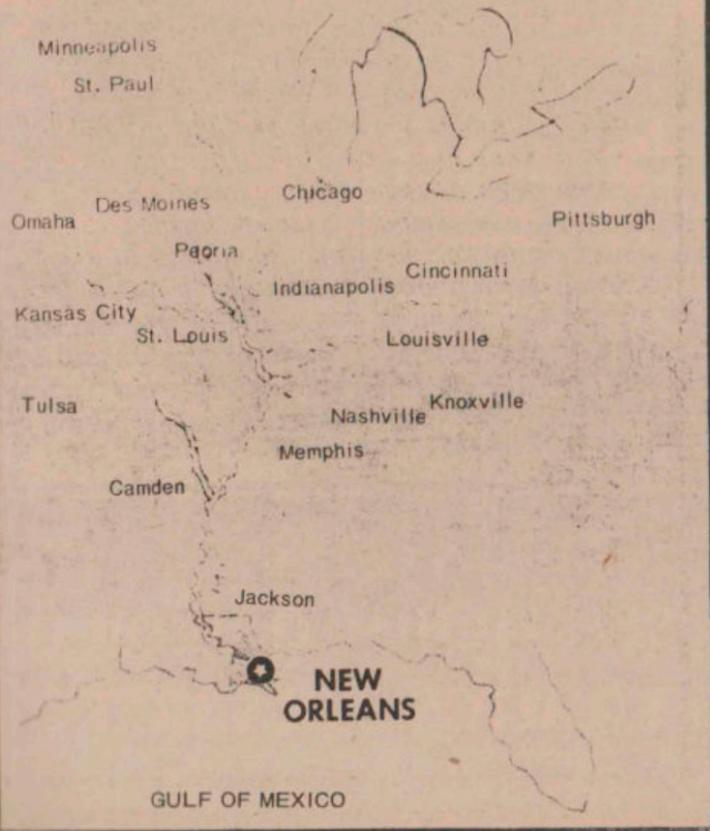
Ainda segundo Valdiner Silveira Fagundes, e conforme cálculos das autoridades portuárias de Nova Orleans, para que se faça idéia dos benefícios econômicos desse fabuloso sistema fluvial, observe-se os custos do frete nos três principais sistemas, tendo por base o dólar/tonelada/milha:

Caminhão transporta 37 t. por dólar/milha

Trem transporta 66 t. por dólar/milha

Barcaça transporta 330 t. por dólar/milha.

No clichê abaixo um esboço hidrográfico convergente para Nova Orleans.



A COTRIJUI NO IRÃ. UMA ABERTURA INTERNACIONAL

A possibilidade de formação de uma "Joint Venture" no Irã, com a participação da COTRIJUI, recebeu mais um impulso no dia 27 de novembro que passou, com a assinatura, em Teheran, de uma carta-compromisso visando o levantamento de viabilidade econômica para o projeto, cujo objetivo final é a construção, com tecnologia brasileira, de um porto para recepção de grãos, e um complexo para esmagamento de soja em local a ser determinado, na costa do Golfo Pérsico. O documento, assinado conjuntamente pelo Banco de Desenvolvimento Agrícola do Irã e Banco de Desenvolvimento Industrial do Irã, de um lado, e pelo Banco do Brasil e a Cotrijui, estabeleceu como participação financeira 85% de responsabilidade do Grupo Iraniano e 15% para o Grupo Brasileiro.

Segundo as leis do Irã, para empreendimentos semelhantes, é fixado um valor de participação mínimo de 15% e máximo de 35% para associação com o estrangeiro. Conforme Ruben Ilgenfritz da Silva, o Brasil optou pela participação de capital mínimo porque o que mais interessa é a venda de tecnologia juntamente com o produto industrial acabado - no caso, o terminal portuário e a fábrica de óleo - e a garantia de mercado para nossos excedentes de soja in natura.

O ACORDO

É do seguinte teor o documento assinado em Teheran, a 27 de novembro:

- A Transcon S.A., uma empresa brasileira de Consultoria, e a Agriconsult, uma empresa Iraniana

de Consultoria, vão, em conjunto, ser encarregadas de desenvolver o estudo de viabilidade, abrangendo inteiramente as diversas tarefas e estudos preliminarmente exigidos para a determinação da possibilidade física, técnica e econômica de "Joint Venture", objeto da Carta Compromisso de 17 de julho de 1976.

- Os termos de referência deste estudo, detalhadamente, e mais as respectivas tarefas consignadas a cada um dos dois consultores deverão ser preparados e submetidos pelos dois consultores às partes que firmam este acordo, após a aprovação das quais serão executadas. No entanto, fica entendido que o estudo de viabilidade será submetido mediante a assinatura de ambas as empresas de consultoria; e ambas serão solidariamente responsáveis pelo relatório de viabilidade.

- A estimativa do fornecimento de soja brasileira, análise do mercado de fretes marítimos entre os portos brasileiros e o Golfo Pérsico e o estudo para a construção do terminal marítimo graneleiro nesta área, será realizado pela Empresa Brasileira de Consultoria.

- Por outro lado, a estimativa do abastecimento do mercado Iraniano e a demanda de óleos e farelos, com ênfase especial à capacidade dos mercados para a produção e consumo do óleo e do farelo de soja, constitui um estudo que, devido a suas características serão realizados pela Empresa de Consultoria Iraniana.

- A localização de uma indústria de esmagamento de soja no Irã, em seu "lay-out" geral, junta-

mente com o estudo e a análise das mencionadas necessidades infraestruturais e o esquema de investimento, bem como a projeção das contas de lucros e perdas e relativa liquidez, constituem estudo que, devido a suas características poderá exigir o conjunto das especializações e do "Know-how" de ambas as empresas, e poderá, por isso, ser implantado em conjunto pela Agriconsult e Transcon.

- Com relação aos custos dos estudos, objetos deste acordo, fica mutuamente acordado que deverão ser igualmente divididos pelas partes e, se uma "joint venture" for finalmente estabelecida, ditos custos serão creditados à participação de capital das partes.

- Com o propósito de coordenação técnica do estudo, os consultores, respectivamente, deverão ser notificados pelo IMDBI no Irã e pela COTRIJUI no Brasil. Os pagamentos relacionados com este estudo serão efetuados no Irã pelo ADBI e no Brasil pelo Banco do Brasil S.A..

- As partes Iranianas se incumbem simultaneamente de estudar a estrutura legal da "Joint Venture" a ser proposta às partes brasileiras, antes da conclusão do estudo de viabilidade.

- Sujeitas às conclusões do estudo de viabilidade, fica acordado que o Grupo Brasileiro encabeçado pelo Banco do Brasil S.A., e a COTRIJUI e o Grupo Iraniano, encabeçado pelo ADBI e IMDBI, participarão na equidade do capital da pretendida "venture" nas seguintes bases: Grupo Iraniano 85%; Grupo Brasileiro 15%. Total 100%.

COTRIEXPORT: SEGUNDA VIAJEM

Os técnicos e convidados da COTRIEXPORT visitaram a partir de Nova Iorque-Chicago (Bolsa de Cereais e Drexel Burnham & Co.), as cidades de Nova Orleans, Memphis, St. Louis e Minneapolis, no período de 1º a 13 de novembro (ver comentário intitulado "Saiba porque é barato o transporte de produção americana). A comitiva organizada pela COTRIEXPORT era constituída pelos seguintes cooperativistas e técnicos:

Alfredo Driemeyer, conselheiro da COTRIJUI, Ijuí; Gentil Giovelli, gerente de Giovelli & Cia., de Guarani das Missões; José Claudio Kohler, conselheiro da COTRIJUI; Luiz Paulo Scolari Nadalon, diretor da Cooperativa Agrícola Jaguari, de Jaguari; Luiz Satt Que-ruz, gerente da Queruz, Craidy

operador da COTRIEXPORT. Na fotografia, tirada em Memphis, junto a uma recepcionista da Cook Industries, aparecem Valdiner Silveira Fagundes, José Claudio Kohler e Gentil Giovelli.



SUÉCIA ADVERTE: CUIDADO, O CIGARRO CAUSA CÂNCER

Desde o dia 1º deste mês, em todos os maços de cigarro e outros produtos derivados do fumo vendidos na Suécia, estão impressos dizeres tais como "fumo dá câncer", "cigarro é morte lenta" e "cuide de sua saúde, não fume"! Trata-se de uma decisão do Comitê Nacional de Saúde e Bem-Estar, que tem em vista prevenir os mais incautos que se deixam levar pela criminosa propaganda que se vem fazendo — também na Suécia — da propagação do vício do cigarro.

Nada menos do que 16 textos diferentes foram preparados só para os maços de cigarro. Essas advertências aparecem em todas as marcas, num sistema de rodízio, para que até mesmo os fumantes de uma só marca encontrem sempre um texto diferente. Nos invólucros também consta a descrição de seu conteúdo. Em lugar de um simples aviso, o fumante encontra detalhes sobre os malefícios causados pelo fumo, como por exemplo:

"A tosse matinal do fumante é o primeiro sinal da má saúde. Você ficará livre dela se deixar de fumar". Outros textos chamam a atenção (da mulher) para o perigo de fumar durante a gravidez e para a maior incidência de doenças cardíaco-vasculares.

Os fumantes também são alertados para não aspirar a fumaça do tabaco. Há uma advertência para os que usam "snuff" ou fumo de mascar, pois esses produtos contêm nicotina, um neuro-tóxico que prejudica a membrana mucosa e a gengiva. O Comitê é de opinião que os textos devem aparecer em destaque, fazendo contraste com o tipo de embalagem, para que causem o necessário impacto.

Nos EUA:

MEDICINA ADVERTE CONTRA A PÍLULA ANTICONCEPCIONAL

Devido aos riscos apresentados pelas pilulas anticoncepcionais, a Administração de Alimentos e Drogas dos Estados Unidos imprimirá uma nova advertência que deve acompanhar as caixas de pilulas. O aviso adverte os consumidores sobre os riscos de aborto, tumores, coágulos de sangue e, nas mulheres com mais de 40 anos, ataques de coração.

Impressa em uma brochura, a advertência será obrigatória em todas as caixas de pilulas na farmácia. O texto enumerará os efeitos colaterais reconhecidos ou suspeitos desde 1970, mas

também afirmará que "as pilulas anticoncepcionais são o método mais efetivo de evitar a gravidez, com exceção da esterilização". Atualmente, há apenas um rápido sumário dos efeitos da pilula em cada pacote e o usuário pode adquirir mais detalhes somente através de seu médico.

Além de afirmar que a pílula é um método efetivo, o texto afirma: "As mulheres acima de 40 anos são advertidas a usar outro método devido aos altos riscos de ataque do coração associados com pilulas anticoncepcionais".

MUITO CUIDADO COM A DESIDRATAÇÃO

A água existente em nosso organismo normalmente é eliminada através das fezes (8%), sudorese e respiração (40%) e aparelho urinário (50%):

A perda rápida e exagerada de água pelo nosso organismo ocorre quando ficamos doentes, apresentando diarreia e vômito; não raro, concomitantemente, aparece febre, suores intensos e respiração alterada, o que contribui para aumentar essa perda. Este quadro clínico é uma das maiores causas da desidratação nesta época do ano. Os sinais e sintomas que caracterizam a desidratação são o aparecimento de sede intensa, pele, lábios e língua secos, elasticidade da pele diminuída, e diminuição do volume urinário diário, a perda de peso, os olhos encovados e nas crianças até um ano de vida, a depressão da moleira ou fontanela.

A água é uma substância alimentícia muito importante e o controle da perda exagerada deve ser imediatamente estabelecida, pois a desidratação pode ser mortal.

O combate a desidratação deve ser feito eliminando os focos de infecções, principalmente intestinais, colocando o lixo em recipiente apropriado e destruindo moscas ou outros insetos que podem contaminar os alimentos. Se a água for de poço deverá ser sempre fervida e esfriada antes de beber. A fossa, banheira ou casinha deve ficar longe do poço para que a água de beber não seja contaminada. Nos dias de muito calor as crianças não devem ficar expostas ao sol forte, devem usar roupas folgadas, leves e principalmente beber muita água, mas só água limpa, filtrada, ou fervida e esfriada. Além disso é necessário cui-

dado higiênico no preparo dos alimentos, mamadeiras, etc.

Ao principal sinal de diarreia ou "soltura" não devemos nos alarmar e sim tomar as medidas apropriadas que controlam perfeitamente o início da desidratação: suspende-se a alimentação no mínimo por 2 horas, neste espaço de tempo e após, deve-se tomar bastante água fervida e esfriada ou hidrantes orais; realimentar-se com sopas de cenouras, caldo de maçã, caldo de carne, arroz bem cozido, pão torrado.

Observação: O uso de remédios que eliminem as cólicas ou febre pode ser feito desde que obedecemos horário e doses adequadas. Se com todas as medidas de combate e controle, a desidratação persistir, deve-se procurar recursos médicos. (Colaboração da UNIMED/IJUI).

RATO: PERIGO PRÓXIMO DE NÓS

O rato pode transmitir ao homem, através da mordida, inúmeras enfermidades, dentre as quais se destacam o sodôku, a febre de haverhill ou eritema articular epidêmico e as leptospiroses; além disso, o animal pode ser reservatório de diversos agentes infecciosos como tifo murino toxoplasmose, peste, raiva, listeriose etc.

O sodôku é uma doença infecciosa aguda, transmitida ao homem por mordida de ratos contaminados; é de distribuição universal, não tendo preferência por idade, sexo, cor e raça; o agente da doença é encontrado no tecido conjuntivo dos roedores, principalmente lábios e nariz.

No local da penetração do germe, após um período de incubação variável (1 a 6 semanas), observa-se um processo inflamatório caracterizado por inchaço, vesículas, dor intensa e cordões avermelhados, com língua satélite;

o processo local é acompanhado de febre alta (38° C) e duradoura (até meses), assim como dor de cabeça, calafrios, náuseas, palpitação, (batadeira) e intensa astenia; com certa frequência surgem, ainda, urticária (lesões pruriginosas) e erupção de cor púrpura. Nos casos graves notam-se dores articulares, perturbações da consciência (sonolência, torpor, etc) e problemas renais variáveis.

O diagnóstico da febre por mordida de rato é feito por meio de isolamento do agente no sangue, gânglios enfiados e de material retirado da lesão inicial; o tratamento específico da doença é feito com penicilina ou estreptomicina, não existindo soros ou vacinas para a profilaxia.

A febre de haverhill ou eritema articular, epidêmico, causada pelo bacilo streptobacillus moniliformis, que vive, normalmente, na nasofaringe dos roedores (rato, camundongo e esquilo)

podendo contaminar o homem através da mordida ou, indiretamente, pela poluição da água ou leite não pasteurizado.

A febre surge rapidamente, após um período de incubação variável de 3 a 7 dias, atingindo altas cifras térmicas (30 - 40° C), acompanhada de calafrios, dor de cabeça, vômitos, astenia, dores musculares e vermelhidão das articulações; apresenta períodos de apirexia de 2 a 3 dias, os quais persistem por semanas ou meses, mas a vermelhidão desaparece em 3 a 5 dias; a enfermidade compromete principalmente as grandes articulações simulando um reumatismo, com posterior destruição das cartilagens das articulações. No local da mordida do roedor surge um processo inflamatório com enfartamento de gânglios (ingua) satélite. É uma advertência da Associação Médica do Rio Grande do Sul.

CUIDADO COM A DESIDRATAÇÃO! LEVE SEU FILHO AO MÉDICO AO PRIMEIRO SINAL. OS SINTOMAS SÃO VÔMITOS E DIARRÉIA

IJUI SEDIU A SEGUNDA REUNIÃO DE EDITORES

Editores da maioria dos jornais de cooperativas do Estado reuniram-se a 14 de dezembro em Ijuí, tendo por local a sede da Associação dos Funcionários - AFUCOTRI. Nesta segunda reunião voltaram a ser debatidos assuntos relacionados com a identificação de uma linha editorial (defendida pelo editor do COTRIJORNAL) de nível de análise, tendo em vista o cooperativismo como sistema social, econômico e educacional, numa sociedade de capitalismo dinâmico.

Igualmente, e conforme ficara decidido na reunião de Carazinho, que aconteceu a 19 de novembro, deu-se mais um passo em direção a fundação da Associação dos Jornais de Cooperativa (AJOCOOP), cuja sede deverá ser em Porto Alegre. A comissão encarregada da elaboração do estatuto continuará trabalhando para apresentar o ante-projeto na próxima reunião em Porto Alegre, a 20 de janeiro próximo, quando deverá ser fundada a entidade.

Participaram da reunião de Ijuí, Hélio Zawatski, "O COTRIMAIO"; Osmar Trindade, "COOJORNAL"; de Porto Alegre; Airton Kanitz, revista "AGRICULTURA & COOPERATIVISMO", órgão da FECOTRIGO, Porto Alegre; Rudy A. Sulzbach, do Departamento de Comunicação e Educação da COOPERA, de Carazinho; professor Mário Osório Marques, secretário do CCECAU; José Vieira da Cunha, presidente da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre; Laudir Auozani, "O COTRICRUZ", de Cruz Alta; Egon e Hélio Musskoff, "O ECO", de Santa Rosa; Olavo Schültz, do "COTRIFATOS", de Santo Ângelo e Raul Quevedo e Valmir Beck da Rosa, "COTRIJORNAL", Ijuí.

A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA NO RIO GRANDE DO SUL



Com o fim de reconstituir a história da fotografia no RGS, e ao mesmo tempo a própria história do nosso Estado através de imagens, está sendo organizada uma exposição como trabalhos fotográficos que datam do período de 1880 a 1950, aproximadamente.

Essas fotos estão sendo coletadas pela fotógrafa Eneida Serrano, que apela a seus possuidores que lhas remetam com fim de exposição. Os interessados devem remeter as fotos (que podem ser de velhos albuns) para a rua Dr. Timóteo, 782, Porto Alegre.

Na foto que ilustra este texto aparece o pintor Pedro Weingartner (1856-1929), fotografado por Otto Shoenwald, um dos mais importantes retratistas do princípio do século no Estado.

JOSÉ, JORNAL DA SEMANA INTEIRA

Numa época de mediocridade e incompetência, quando o vulgo parece que por pretender demonstrar lustro cultural apela para os estrangeirismos mais idiotas, devemos aplaudir estrepitosamente um jornalista brasileiro - sem dúvida brasileiro dos quatro costados que tituló seu jornal sob o logoti-

po: JOSÉ, JORNAL DA SEMANA INTEIRA. O herói desse bonito lançamento jornalístico feito na capital do País, é Luiz Gutemberg, um competente profissional.

Trata-se, ao contrário do que alguns poderão imaginar, de um jornal sério, de análise dos fatos econômicos, políticos

e sociais. Já circula em 18ª edição, e segundo informa uma revista do centro do país, vai muito bem financeiramente.

O fato prova mais uma vez que a autenticidade se impõe sempre sobre a pusilanimidade do mediocre. Para a frente José, Jornal da Semana Inteira.



RÁDIOS IJUIENSES AUMENTAM POTÊNCIA

Fato já sabido era que as emissoras de Ijuí, a exemplo de tantas outras, teriam aumento de potência, passando a operar com 5000 watts.

Uma delas, a Rádio Reporter, já instalou o novo transmissor. Trata-se de aparelhagem Philips, adquirida da Rádio Itaip, de Guatubá. A Rádio Progresso, por sua vez, financiou o protótipo de um novo transmissor - "ELMO" modelo RD-B5/A-10, que está sendo fabricado pela Eletrônica Morato Ltda., de São Paulo. Esta informação está publicada na edição de dezembro último do jornal "Eletrônica em Foco", onde consta que as novas unidades são fruto de tecnologia essencialmente nacional. A exemplo da Rádio Reporter, futu-

ramente também a Rádio Progresso passará a operar com nova potência - 5 Kilowatts, o que significará que a programação das emissoras de Ijuí terão aumentada sua área de alcance.

MUNICIPAL ANIVERSARIA

A Rádio Municipal de Tenente Portela completará mais um aniversário de fundação. O destaque na programação de aniversário da emissora será o Festival de Música Brasileira (popular e sertaneja), programado para os dias 14 e 15 deste mês. A Rádio Municipal, em cadeia com a Rádio Progresso de Ijuí, leva ao ar aos domingos o programa Informativo COTRIJUI, patrocinado pela cooperativa.

PRÊMIO BADESUL DE JORNALISMO

O jornalista que fizer a melhor reportagem (período: julho de 1976 a julho de 1977) sobre o desenvolvimento econômico do Estado, ganhará uma viagem de ida e volta a Londres e mais mil dólares de ajuda de custo. Quem patrocina o prêmio é o Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul - BADESUL.

Para os 2º e 3º lugares, uma viagem a Bahia e mais cinco mil cruzeiros e uma viagem

ao Rio de Janeiro com dois mil cruzeiros. As reportagens deverão ser publicadas em qualquer órgão da imprensa brasileira e as inscrições deverão ser feitas na sede da Associação Riograndense de Imprensa, de 1º a 10 de julho do corrente ano.

Maiores informações poderão ser obtidas na sede da ARI, à avenida Borges de Medeiros, 915, 7º andar, Porto Alegre.

DEPOIS DA QUEDA

Luis Fernando VERÍSSIMO

A calvície, como a Notificação do Imposto de Renda e a morte, chega para todos os homens. Mais cedo ou mais tarde. Há casos raríssimos de anciãos que só perdem os cabelos aos 98 anos de idade, mas aí são todos ao mesmo tempo. E pior, dentro da sopa. O normal para você e eu é esta guerra lenta, anos a fio, ou a fios, contra o inevitável.

Tudo começa naquela fatídica manhã em que você descobre sobre o travesseiro . . .

— MEU DEUS! MEU DEUS!

A família inteira acode. Até alguns vizinhos. Você aponta para o travesseiro, aterrorizado.

— Ali! Ali!

Os mais fatalistas pensam em escorpião ou na peste negra. Mas é apenas um solitário fio do seu cabelo. Uma decepção para a platéia mas, para você, o começo do fim. Sua juventude está acabando. Em breve o seu orgulhoso topete não será mais do que uma fotografia na carteira de estudante. E como dói.

Começam as longas vigílias na frente do espelho. Cadê aquele fio que estava aqui ontem? Você pára de usar aquele fixador que deixava seu cabelo como uma couraça durante uma semana e que certamente estava entupindo os poros. Abandona o estilo James Dean e passa a pentear os cabelos para trás, todos para trás, como que para conter a debandada. Mas nada adianta.

Você pede conselhos. Os radicais dizem que não tem jeito, o melhor é raspar tudo de uma vez. Outros recomendam fricções diárias. Mas depois de cada fricção a pia se enche de cabelos desgarrados. Em desespero, você consulta a namorada.

— O que você acha do Yul Brinner?

— Aquele careca nojento?

Horror e depressão. Só lhe resta a vida monástica ou o suicídio. Muitos na sua inconformidade, chegam a arrancar os cabelos.

Mas esta fase passa. A calvície não quer dominá-lo de uma vez. Ela tem tempo. E você tem mais cabelo do que pensa. O processo é demorado. Junto com os seus cabelos caem governos, aviões, pingentes da Central, o Gerald Ford, ações da Bolsa, coisas bem mais importantes. O momento crucial do processo só chegará anos depois, quando sobram dezessete fios em cima. Mas isto também não é trágico. É ridículo.

O que fazer com dezessete fios? Repartir no meio não dá, fica desparelho. Arrumá-los no sentido das paralelas, de orelha a orelha, cuidando para manter espaços regulares entre cada um, é pior. Sua cabeça fica parecendo aquelas meias rendadas quando começam a gastar.

— Querido, as crianças mandaram pedir para você não pentear mais os cabelos assim.

— Por que não?

— Na vizinhança já estão chamando você de Joelho de Vedete.

Melhor é deixar Os Dezessete entregues aos seus próprios designios e aos caprichos do vento. Você não se importa mais. Já abandonou todas as esperanças e os planos exóticos como deixar crescer atrás e depois pentear para a frente. Ou deixar crescer a barba e pentear para trás. De vez em quando ainda olha, com uma ponta de interesse, um daqueles anúncios como o Antes e o Depois de algum tratamento novo e infalível. O Antes é um pobre derrotado de olhar amargurado que perdeu os cabelos, sua fé na vida, o animo para qualquer tipo de trabalho produtivo e a noiva que o abandonou por um discotecário chamado "Tufo". Os cachorros enterram o seu pé. Os homens dão risadas nas suas costas e as mulheres na sua frente. Ele só pede compreensão à Vida e a Vida, implacável, continua telefonando no meio da noite para dizer piadas. O Depois é o mesmo homem com cabelo, um alto cargo no Banco do Brasil, o sol brilhando nos seus dentes, o mundo inteiro numa mão e o telefone de Sandra Bréa na outra. Você sorri tristemente, afasta um dos Dezessete que pende na frente do seu nariz como que dizendo adeus, e vira a página. Você está resignado ao seu (desculpe) calvário.

Mas um dia alguém lhe diz que descobriram um método, este sim, infalível para fazer voltar o cabelo. Está tudo no modo de cortar. Tem que ser de acordo com o Horoscopo.

— Qual é o seu signo?

— Leão. Dispenso a ironia.

— Leão? Deixa ver. Então você pode cortar o cabelo durante o quarto crescente da Lua.

— Só isso?

— Só. Durante o quarto crescente, com uma tesoura que nunca tenha sido tocada pela mão esquerda de alguém com o nome começado em vogal.

— Que mais?

— Nada mais. Quem cortar o seu cabelo não pode ser parente de sangue e não pode ter estado no hemisfério norte nas últimas sete luas. E você precisa sentar virado na direção da Ilha da Páscoa se for dia ímpar e de Blumenuau se for dia par e não estiver chovendo.

— Se eu não fizer tudo isso o cabelo não cresce?

— O cabelo não cresce e as sobrancelhas caem.

— Quem sabe uma peruca?

DE COMO UM CHICLETE INFERNIZA A VIDA DO JOÃO DA SILVA

Raul QUEVEDO

"Homem velho, depois que fica sem-vergonha; só mesmo Deus matando e o diabo carregando".

No geral, calma e pacífica nos seus 50 anos vividos entre o fogo e o tanque, Maria da Silva era considerada na vila, um poço de tranquilidade e paciência. Jamais tinha sido ouvida queixando-se e menos ainda blasfemando por qualquer coisa, mesmo as mais graves.

Quando perdera o filho caçula, vitimado pela desidratação, não abriu a boca para maldizer-se. Seu choro era o choro sofrido das mães que já nascem com a intuição do sofrimento, fruto da miséria congênita que se caracteriza pela pusilanimidade do meio em que vivem. Era um choro convulsivo, para dentro, para os confins da alma . . . De outro lado, a convivência com marido e filhos era também das mais tranquilas e respeitadas.

Era João "prá cá e João prá lá". Ou então: "Agasalhe-se, meu velho. Deu no rádio que vai esfriar, e você não está bem curado daquela tosse". E assim tinha sido a vida deles. Dava gosto de ver.

Mas naquela manhã de domingo a mulher esbravejava imprecações como se estivesse possuída por uma dúzia de demônios.

Sem dúvida, o fato era para causar espanto. O estardalhaço, o escândalo, o espetáculo; comuns, aliás, na maior parte das mulheres da vila, jamais tinham sido ouvidos da boca de Maria da Silva.

Em pouco tempo, a maior parte dos moradores estava concentrada nos arredores do barraco do velho João.

Maria, completamente transtornada, num misto de raiva e vergonha, descarregava o vexame contando para que todos ouvissem:

— "Pois não hão de crer que o sem-vergonha ficou pelado da cintura pra baixo na hora da formatura, lá no colégio . . . Um sem-caráter, um desclassificado, um desnaturado, um . . ."

E imprecitava, imprecitava, a sofrida Maria, enquanto o número de mulherio ouvinte aumentava sem parar, embora sem poder crer no que era dito "do seu João, um trabalhador operoso e cidadão respeitoso. Quase uma reserva moral da vila".

— "Qual nada, qual nada" - esbravejava a Maria. "Custou mais mostrou as asas, o despudorado. Foi por isso que chegou ontem que nem zorro manso, de cabeça baixa e sem jantá se trancou no quarto. Foi a amiga Teodora que me contou hoje o fiasco todo. Não é que só prá se mostra prá moça, ele se ergueu deixando as calças no chão . . ."

— "Céus! Vizinha. Quem havera de dizê, murmurava em côro o mulherio, mal podendo acreditar no que ouvia, apesar de muitas se confidenciarem com rizinhos libertinos, lamentando não estarem lá para assistir a cena . . ."

Na casa do compadre Amâncio, para onde fora levado até que a mulher se acalmasse, João da Silva chorava a sua desdita . . .

— "... Desgraçado de mim", baluciava o pobre homem, enquanto lágrimas de fogo escorriam-lhe pelo rosto marcado pelo sofrimento. Com a voz entrecortada por soluços convulsivos, explicava o ocorrido:

— "Maldição das maldições. E foi justo no dia que tirei a cueca para lavá", lamentou o infeliz.

— "Quando levantei prá recebê o boletim do gurá, a calça ficou grudada na cadeira. Adespois é que fiquei sabendo. Não vi que tinha sentado em cima de um chicreti, esse caramelo de gringo que a criançada gosta de mascá. A calça veia e os botão mal costurado não resistiu a força daquela desgraça colada".

— "Compadre Amâncio! Pelo que há de mais sagrado" - argumentava em prantos o velho - "lhe juro por minha alma que essa é toda a verdade; toda a verdade".

E complementava com novo juramento:

— "Mas se Deus for louvado de amansá a minha Maria, juro trezentas mil vezes que vou passá o resto dos meus dias amaldiçoando o chicreti.

O BOM USO DO IDIOMA

Austregésilo de ATHAYDE

A Academia voltou, como faz agora freqüentemente a ocupar-se do problema das deturpações da língua através dos meios de comunicação. Televisão, rádio e jornal contribuem para a geral ignorância dos valores do idioma, tanto da prosódia como da semântica, espelhando assim a confusão que entra pelos olhos e pelos ouvidos e destrói o pouco que se aprendeu nas escolas. O debate foi iniciado por Odilo Costa, filho e nele tomaram parte Abgar Renalt, Josué Montello, Hermes Lima e mestre Aurélio. Todos membros de uma instituição que tem como finalidade precípua defender a língua portuguesa.

Que se pode e que se deve fazer para pelo menos neutralizar a ação corruptora que os meios de comunicação exercem de maneira incoercível? Fazendo-se sugestões, como, por exemplo, a de levar os órgãos do governo ligados à educação a intervir de alguma forma com o objetivo de esclarecer os responsáveis pela ampla divulgação do pensamento. Logo houve quem dissesse que o próprio governo não tem tido ultimamente maior escrúpulo na violação de regras cozinhas da gramática, feita em documentos oficiais. Deveria assim começar por um estrito policiamento de sua própria casa.

Mestre Hermes Lima, sempre tão lúcido em seus pronunciamentos, lembrou a necessidade de buscarmos a causa principal. Ela está na escola primária. Jornalistas e locutores são admitidos em posições prestigiosas sem qualificação intelectual, sobretudo no conhecimento da língua. Não aprenderam nos lugares onde receberam o ensino. O problema é complexo e deverá ter uma solução que precisa ser urgente pois o que vemos está comprometendo seriamente o mais delicado e nobre dos instrumentos de vinculação da nacionalidade.

ESPÍRITO DE NATAL NA PROTEÇÃO ECOLÓGICA

Aproveitando o espírito do Natal e o sentido de confraternização da passagem do Ano Novo, o representante do IBDF em Ijuí, sr. Sady Barnewitz, juntamente com o Clube da Piazada, que tem como presidente o jovem Diogo da Silva Coimbra, distribuiu uma "carta aberta" de proteção à natureza, que foi lida em igrejas do município.

Apesar de um pouco atrasados, temos a satisfação de publicar neste espaço a carta de Sady Barnewitz e Diogo da Silva Coimbra, que tem a seguinte redação:

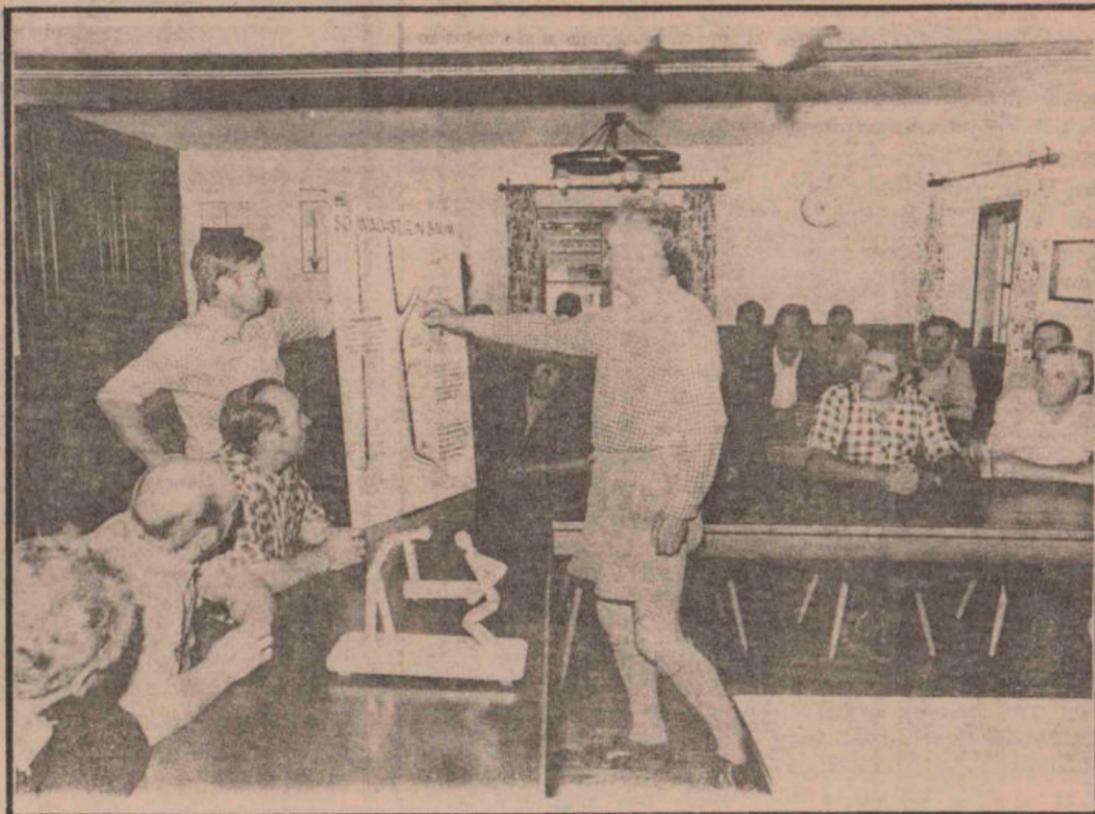
"Pedido e alerta aos senhores pais que protejam a natureza. Estamos na maior festa da cristandade, o Natal do nascimento de nosso protetor e por isso protejamos os que foram criados por este nosso Deus, como também para o equilíbrio da ecologia, já muito prejudicada em face ao nosso desenvolvimento. Protejamos nossas matas, nossas aves (passarinhos), que atualmente procuram abrigos nas nossas cidades porque temos as árvores, hoje também protegidas pelas nossas autoridades competentes.

Natal que todos nós comemoramos em todos os países do mundo, é o dia que também ofertamos uma lembrança a nossos filhos como brinquedos úteis e inofensivos e não ofertamos uma arma ou armadilha mortífera ou ainda uma coisa qualquer que possa ferir ou matar, pois a brincadeira com estes objetos provoca a vontade de matar alguma coisa que se move para ver cair e daí surgem os passarinhos, que hoje estão em fase de extinção muitas espécies desses belos pássaros que nos encantam com seus cantos, mais precisamente ao amanhecer de cada dia.

O IBDF e o Clube da Piazada agradecem por tudo o que for feito e a todos, pela colaboração na preservação da natureza, com um Feliz Natal".

OS HÁBEIS LENHADORES ALEMÃES

Em nossa edição de novembro (nº 36) publicamos a notícia de uma escola para lenhadores, na Alemanha. A escola, que se localiza em Landau, na região da Alta Baviera (RFA), orienta um total de 630 alunos em tudo o que diz respeito a questões florestais. Agora, graças a colaboração do jornalista Hugo Hammes, do Consulado Alemão em Porto Alegre, publicamos a foto de uma vista parcial da referida escola, em plena atividade.



CRIANÇA TAMBÉM FLORESCE
QUANDO CUIDA DA SUA PLANTA
CRIANÇA TAMBÉM FLORESCE
QUANDO CUIDA DA SUA PLANTA
CRIANÇA TAMBÉM FLORESCE
QUANDO CUIDA DA SUA PLANTA



IBDF CONTRA ARMAS DE PRESSÃO E BODOQUES

Respondendo a ofício do sr. Sady Barnewitz, representante do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal em Ijuí, o qual comunicava a criação do Clube da Piazada, com fins ecológicos, o delegado estadual substituto daquele organismo, eng. agr. Paulo Machado de Campos, endereçou com data de 7 de dezembro o seguinte ofício aquele representante:

Sr. Sady Barnewitz — Ijuí
Prezado Senhor:

Acusamos o recebimento de seu ofício do dia 3.p.p., através do qual comunica a esta Delegacia Estadual a criação nessa cidade do "Clube da Piazada", bem como da campanha desenvolvida por V. Sa. para que não sejam doadas às crianças armas de pressão durante as festividades do Natal.

Em primeiro lugar, receba o nosso total apoio à campanha tão bem desenvolvida por V. Sa., junto a imprensa dessa cidade. Outrossim, queremos que seja portador aos jovens idealistas do "Clube da Piazada", o nosso mais candente apoio, na esperança de que esta idéia tão importante seja seguida por este País afora.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a V. Sa, nossos protestos de estima e consideração.

GAUCHO COLHE BEM ONDE "NEM CAPIM CRESCIA"

"Esses gaúchos estão malucos. Querem plantar arroz num cerrado que não dá nem capim pra boi. Eles vão acabar morrendo de fome". Segundo reportagem publicada no jornal "O Estado de São Paulo", edição de 9 de dezembro que passou, comentários dessa espécie eram feitos nos primeiros anos da década de 70 nas regiões de Barra do Garças e Xavantina, no Mato Grosso, quando alcançaram aquelas paragens os primeiros gaúchos que migraram para a região, levados pela Cooperativa de Colonização 31 de Março, de Tenente Portela.

Transcrevemos a seguir a referida matéria do jornal paulista. "Os comentários não retratavam apenas a opinião de pecuaristas dos projetos financiados com fundos fiscais e dos velhos moradores da região que nunca deram valor ou acreditaram no aproveitamento daquelas terras arenosas e cobertas de vegetação rasteira, que antecedem a região coberta pela selva amazônica. O completo descrédito na agricultura na região dos cerrados era também a posição oficial. O Banco do Brasil negava-se a financiar a "aventura" e só começou a abrir seus cofres para a compra de terras e custeio das lavouras, quando seus técnicos viram a exuberância do arroz que os colonos plantaram com seus próprios recursos.

Hoje, a agência do Banco do Brasil em Barra do Garças já investiu mais de 900 milhões de

cruzeiros no financiamento para compra de terras e máquinas, custeio de plantio e comercialização de safras. Os pecuaristas já estão seguindo o exemplo dos gaúchos, dividindo com a agricultura a atenção que só tinham para bois e pastagens.

As autoridades matogrossenses já afirmam que "os cerrados serão o grande celeiro do Brasil" e com ufanismo apregoam que Mato Grosso já está ultrapassando a produção de arroz do Rio Grande do Sul. Segundo o secretário de Planejamento, Bento de Souza Porto, em 1976, Mato Grosso já produziu 1,8 milhão de toneladas de arroz.

Se não fossem as dificuldades com as pontes caídas e estradas esburacadas, ninguém mais teria dúvida do êxito da colonização dos imigrantes gaúchos: "A terra aqui dá de tudo, o clima é bom para a lavoura e uma beleza pra gente criar filhos" — diz Egidio Schmidt, acrescentando: "Se o governo nos garantir condições mínimas para andar nessas estradas, isso aqui vai ser uma das regiões mais ricas do País".

A região que promete vir a ser uma das mais prósperas do País, talvez ainda continuasse por muito tempo abandonada à cobras e emas se não fosse um grave problema fundiário no município de Tenente Portela, no Rio Grande do Sul. Lá por volta do fim da década de 60, o pastor

luterano Norberto Schwantes começou a se preocupar com os problemas sócio-econômicos que afligiam seu rebanho.

As terras da região, há muito colonizadas por imigrantes alemães e italianos, vinham se subdividindo de maneira assustadora. Os lotes que há 20 anos eram cultivados por uma família, agora tinham de prover o sustento das seis ou sete famílias constituídas pelos filhos do antigo proprietário. Os minifúndios iam pouco além de 3 ou 4 hectares cada e não apresentavam rentabilidade satisfatória apesar do exaustivo trabalho dos colonos.

Schwantes procurou saber como agricultores europeus viviam bem em glebas menores que a dos colonos de Tenente Portela e não foi difícil descobrir que a diferença não era tanto de produtividade como dos preços, muitas vezes superiores na Europa.

Os minifundiários não tinham condições de sobreviver. A solução seria tirar um bom número de colonos da região para que os que ficassem tivessem condições de progredir. A primeira tentativa de solução surgiu com a migração para a Transamazônica. Pela Rádio Municipal e pelo jornal "A Terra" foi feita uma grande propaganda para que os colonos mais jovens migrassem. Em meados de 1971 a primeira turma de 80 migrantes partiu de Tenente Portela, após o "Baile da Integração Nacio-

nal", muito discurso, marchas, dobrados e valsas tocadas pela banda da cidade.

Mas as coisas não correram como se previa. As noivas ainda estavam enxugando as lágrimas das despedidas, quando uma semana depois 38 gaúchos já estavam de volta da Transamazônica.

"Foi um vexame horrível — lembra Schwantes — os nossos heróis, pioneiros da ocupação da Amazônia, voltavam de cabeça baixa, envergonhados por não aguentarem uma semana de mosquitos e isolamento na selva".

Com um critério de seleção mais rigoroso, outras levadas de migrantes gaúchos foram para a Transamazônica e conseguiram ficar por lá. Esse número, entretanto, não passou muito da casa dos 200. Para melhorar a situação em Tenente Portela era preciso que pelo menos mil colonos saíssem de lá.

Foi aí que a Cooperativa 31 de Março decidiu comprar as terras nos cerrados de Mato Grosso e promover uma colonização em termos muito mais amplos e modernos que os do INCRA, na Transamazônica. Para começar, as terras teriam de ser bem planas para possibilitar uma agricultura completamente mecanizada. Haveria necessidade também de grandes financiamentos a juros baixos, o que só seria possível numa área de interesse do governo. Assim os cerrados

de Barra do Garças eram o local ideal: planos e dentro da área da Amazônia Legal, prioritária para financiamentos oficiais. Havia mais uma outra vantagem: no princípio, as terras eram baratas, de 20 a 100 cruzeiros por hectare (hoje custam quase dois mil cruzeiros).

Com o dinheiro da venda de lotes de 3 a 5 hectares em Tenente Portela, os agricultores poderiam comprar centenas de hectares em Barra do Garças. Adolfo Gabe — que já era fazendeiro de médio porte — vendeu 120 hectares em Ibirubá e com esse dinheiro comprou 8 mil hectares nos cerrados do Mato Grosso, "e ainda sobrou dinheiro para comprar mais 100 novinhos".

Os primeiros colonos começaram a chegar à gleba Canarana em 1972. Meses depois, o Banco do Brasil, já começava a acreditar na plantação de arroz nos cerrados e, com seus financiamentos a juros de 7% ao ano, as coisas ficaram bem mais fáceis.

O colono passou a ter financiamento para compra de lotes de 400 hectares, tratores, colheitadeiras e todo o custeio da plantação.

As levadas de imigrantes passaram a ser cada vez maiores e a produção de arroz também. Nesse ano foram colhidas 800 mil sacas e a previsão para o próximo ano era de 2,5 milhões, antes do problema com as pontes.

UM NOVO MUNDO SURGE DO TRABALHO DOS COLONOS

Em outro trecho da ampla reportagem sobre a colonização gaúcha na região do norte do Mato Grosso, disse o acatado jornal paulista:

"Os antigos colonos de Tenente Portela já se dizem fazendeiros em Barra do Garças. Apesar de o solo ser fraco e necessitar de 150 quilos de adubo por hectare, para produzir de 30 a 50 sacos, a facilidade de plantio a colheita mecanizada compensam muito bem os gastos com a produção. Assim, os novos fazendeiros podem obter um rendimento livre de 300 a 500 mil

cruzeiros por ano, dinheiro suficiente para amortizar os empréstimos e melhorar suas casas.

Muitos dos colonos que chegaram a Canarana em 72 e ficaram durante meses acampados sob barracas de lona, já têm hoje uma casa confortável, com gerador próprio de eletricidade, máquina de lavar roupa, automóvel, além dos tratores e colheitadeiras.

Canarana já é uma pequena cidade, com muito movimento, apesar de ter apenas oitenta e poucas famílias morando no local. Lá estão sendo construídos

dois grandes sistemas de armazéns com capacidade de armazenamento de 500 mil toneladas, além de equipamentos para secagem e beneficiamento de 3 milhões de toneladas de arroz. Dispõe de uma boa escola com 350 alunos da primeira à oitava série do primeiro ciclo.

Da vida de colonos, os novos fazendeiros conservaram o empenho total ao trabalho. As glebas são cultivadas pelas próprias famílias sem a contratação de empregados. Nas épocas de plantio e safra, marido, mulher, filhos se revezam no volante dos

tratores, trabalhando dia e noite. Fora desses serviços, constroem suas próprias casas e as mulheres empunham a enxada para cuidar das hortas.

Eles confiam no novo mundo diferente dos outros que estão se formando na Amazônia, com a ocupação de grandes áreas pelos peões analfabetos "gatos" e pistoleiros de companhias de donos distantes.

Em Canarana, Água Boa, Garupá e outras glebas de colonização, os gaúchos estão investindo o futuro de suas famílias, numa experiência que poderá

mudar a paisagem sócio-econômica da Amazônia. Eles têm tudo para vencer o desafio, desde que não lhes falem meios de transportes para receber os insumos agrícolas e escoar a produção. Porém, se as pontes continuarem caindo sem que se tomem providências para repará-las os novos fazendeiros estarão em situação pior que os "pioneiros" que voltaram da Transamazônica", pois agora nós não temos nem mais os pequenos lotes para voltar para o Sul", afirma, angustiado, o jovem colono Irton Antonio Jung.

JOGOS DE CARTA, PASSATEMPO DOS NOSSOS AVÓS



Quem que tenha 50 anos, ou mais, não lembra com saudades os bons tempos do jogo de carta. A sala familiar, o bom vinho ou o café com bolo frito servido pela "mama", enquanto lá fora a chuva fina guasquiada com vento obrigava a recolher até o cusco, que gania de frio. Sobre as mesas rústicas, onde batia-se forte com o punho fechado para dar maior nuance ao jogo, gritava-se: "truco"! E o outro: "retruco! Com dois envido". E ganhava este último.

Eram jogos de passatempo, de puro entretenimento. Normalmente começavam aos sábados à tarde prolongando-se até o clarear do dia de domingo. Em muitos salões de baile (pelo menos na zona sul do Estado) mantinham-se salas reservadas para os mais velhos jogar, enquanto os filhos dançavam.

Jogava-se o truco, o sol, a hisca e até mesmo o "burro", um inocente joguinho das três cartas, preferido geralmente pelas crianças. Através desses joguinhos familiares faziam-se amigos. Amigos sinceros, verdadeiros. Bons tempos aqueles, hoje vivificados apenas na memória.

A AVESTRUZ E O PERIGO

Um velho ditado atribui à avestruz o costume de encobrir a cabeça quando pressente o perigo. Como não há prova de que aquela espécie animal realmente proceda por temor, de nossa parte somos forçados a admitir que ela assim proceda por pura gula. Animal de grande porte, possuidor de voraz apetite, precisa estar sempre comendo. Onde quer que encontre um formigueiro à feição ou qualquer terra fofa, ela estará de cabeça enterrada na busca de alimento.



POVO SEPARADO PELA COR

Poder negro na América branca. Os costumes separatistas vigentes na América do Norte desde os primeiros tempos dos pioneiros protestantes, levou o País a um estado natural de inevitável divisão interna, que hoje

se institucionalizou. A cidade de Chicago, importante metrópole do meio oeste (no Illinois), dá a dimensão do ponto em que chegou o separatismo: por lei, 50% dos policiais da cidade tem que ser negros (foto).



MANIA DOS RUSSOS É A LEITURA

Segundo as estatísticas, os russos são os maiores compradores de livros do mundo. Cada habitante da União Soviética compra 16 livros por ano, quando a média mundial é de apenas dois. Para suprir esse fenomenal caudal de compradores, as edito-

ras não tem mãos a medir, funcionando praticamente dia e noite sem parar. Mas isso não é suficiente, e o livro é uma das poucas mercadorias na Rússia que seguidamente é vendida no câmbio negro.

OS BELOS CARROS ALEMÃES



Retratando os costumes de uma época na história da humanidade, as carruagens são ponto característico. Em Munique, na Alemanha, existe um museu de

carruagens reais. Em nossa próxima edição esta seção vai focalizar com maiores detalhes esse fabuloso museu.

20 ANOS DE ENSINO SUPERIOR EM IJUÍ

Valmir Beck da ROSA

Na programação que este ano assinalará os 20 anos do ensino superior em Ijuí, duas datas se sobressaem: 14 de fevereiro e 16 de março de 1957, respectivamente de publicação do Decreto nº 40.936, no Diário Oficial e de instalação solene da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ijuí-FAFI. Os fatos marcantes que se sucederam a partir de então, estão gravados na história do município. Se é impossível aquilatar a influência da instituição em termos locais e regionais, não o é reconhecer que o posicionamento FAFI-FIDENE deu amplitude aos anseios comunitários do noroeste gaúcho. Tanto isso é verdade, que no contexto do Distrito Geo-Educacional 38, que abrange nove instituições do ensino superior em nosso Estado, a FIDENE foi considerada pelo Departamento de Assuntos Universitários do MEC como a melhor, a mais sólida.

E justo no ano em que o ensino superior em Ijuí completa sua segunda década, a Fundação se arroja e abraça antigo sonho: a construção de seu campus, em área já adquirida de 37 hectares, entre as Linhas 3 e 4 Oeste. E ao mostrar um pouco daquilo que é o ensino superior em Ijuí o CO-TRIJORNAL o faz se propondo a sensibilizar as comunidades, os municípios, as organizações da área de influência da FIDENE a cerrarem fileiras em mais um importante e significativo passo.

FIDENE: PONTO DE REFERÊNCIA

No caso específico de Ijuí, a sua instituição de ensino superior, passados 20 anos, recomenda o município, representa-o, referencia suas lideranças, mormente no terreno educacional. E por extensão, a FIDENE projeta os municípios que a cercam, pelo embasamento que oportuniza às suas administrações e complexos de ensino. Quer dizer: é motivo de orgulho termos na região uma casa de ensino a nível de terceiro grau que soma a

cada ano. Em 1976, a FIDENE alcançou o expressivo número de 3.010 alunos matriculados, entre os cursos de frequência regular e de férias. Para estes últimos, ocorrem a Ijuí centenas de estudantes procedentes dos mais diferentes centros gaúchos, de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo. São pessoas que ao retornarem para suas cidades de origem, vivem uma realidade influenciada pelos conhecimentos adquiridos numa instituição que é fruto de Ijuí, que é sustentada em parte pela nossa região. É por isso que achamos válido convocar os municípios próximos, a partir de Ijuí, para que tenham participação ativa na Fundação, enviando representantes a assembléia geral, contribuindo estatutariamente para o crescimento da FIDENE. O sólido alicerce de nosso ensino superior, somado às adesões das municipalidades e outros, dará a FIDENE condições necessárias à construção do campus. A propósito, para esse fim especificamente, a Fundação contratou empréstimo de 33 milhões de cruzeiros junto ao FAS, Fundo de Apoio Social do Ministério de Educação e Cultura e Caixa Econômica Federal. Para saldar esta dívida, a FIDENE dispõe de um prazo de 15 anos, com três anos de carência. A presidência vem trabalhando com intensidade, tendo confiado o projeto arquitetônico ao Dr. Jorge Falkembach. Este engenheiro, com parte de um estudo metucioso que vem fazendo visando preencher dinamicamente os espaços da área adquirida, está visitando campus da universidade de Campinas, em São Paulo; Vitória, no Espírito Santo; e de Brasília, além da UNISINOS. O projeto contendo o estudo metucioso de ocupação da área terá que ser entregue ao MEC até 16 de abril, para que a verba seja então liberada.

NOS 20 ANOS A VISITA DO PRESIDENTE DO CFE

Uma conferência sobre o tema "A Universidade Brasilei-

ra", pelo Pe. José Vasconcelos, presidente do Conselho Federal de Educação, sem dúvida se constituirá num dos pontos mais altos da programação que assinalará os 20 anos do ensino superior em Ijuí. O padre Vasconcelos virá a Ijuí provavelmente dia 16 de março, data de instalação da FAFI em 1957. Semana Universitária, Semana do Cinema Brasileiro, música popular, com um grande show artístico, painel sobre a FIDENE, Semana do Livro, são algumas promoções que irão constar da programação.

O presidente da FIDENE, Paulo Afonso Frizzo, em viagem feita a Brasília, foi recebido pelo diretor do Instituto Nacional do Livro, Dr. Herberto Sales, que se comprometeu enviar bom material para a realização da Semana do Livro em Ijuí.

Oportunamente a comissão organizadora da programação definirá datas, locais e horários para estas e outras promoções.

A partir do próximo mês, pois, Ijuí e comunidades vizinhas verão motivos para reforçar seu reconhecimento aos iniciadores do ensino superior na região, casos de Adelar Santo Vicenzi, primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Lhe sucedeu o professor Mário Osório Marques, que em 1969, com a criação da FIDENE, passava a assumir a presidência da Fundação. A este homem se aliaram outros, também esperançosos e confiantes em dias melhores.

Argemiro Brum, Paulo Afonso Frizzo e algumas dezenas de professores que atualmente movimentam 11 cursos de ensino superior nas faculdades da Fidene, assim distribuídos: 7 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, mais as habilitações: 2 cursos pela Faculdade de Ciências Administrativas, Contábeis e Econômicas de Ijuí, e mais os cursos de Tecnólogos em Cooperativismo e em Administração Rural.

A IDÉIA É: UNIVERSIDADE COOPERATIVA DAS MISSÕES

Bacharel em direito, professor e cooperativista, Genaro Krebs, foi sempre um homem preocupado com os problemas do cotidiano. Cooperativista com atuação há muitos anos, fez parte da primeira diretoria da FECOTRIGO, ao tempo do general Henrique Geisel.

A idéia de se criar a Universidade Cooperativa das Missões é dele e foi proferida a 17 de dezembro último, em Santa Rosa, quando paranimfava a turma de 1976 da Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas.

O pronunciamento que publicamos a seguir, do professor Genaro Krebs, foi feito aos formandos de Santa Rosa:

"Se fôssemos imaginativos, inovaríamos a sistemática de nosso ensino universitário, agilizando e adquando esse processo de fundamental importância para toda nossa área, já com experiências válidas neste campo, implantando a Universidade Cooperativa das Missões, contando naturalmente, com o espírito clarividente e a participação efetiva das unidades de ensino superiores de Santa Rosa, Três de Maio, Santo Ângelo, Ijuí e Cruz Alta, cuja população acadêmica é, no momento, superior a 9.000 universitários.

Estariamos, com isso, revelando uma capacidade criadora e pioneira no País e, ao mesmo tempo, de alto conteúdo solidário, além de prestar, é claro, uma justa e merecida homenagem a nossa própria anterioridade histórica, tão rica e cheia de pressupostos humanos, quando aqui se implantou uma civilização "sui generis", pré-cooperativa, no início do século dezoito, com a interiorização da cultura e civilização européia e cristã dos missionários jesuítas.

É evidente que, para isso, deveremos nos despir de certas vaidades e preconceitos, pois ao assumirmos tal propósito na concretização desta idéia, estaremos integrando as Missões e o Alto Uruguai.

Este projeto, tenham a certeza, contaria além da simpatia dos órgãos responsáveis pelo ensino na área do Governo, com a solidariedade do cooperativismo de todo o mundo, que se voltaria para esta região, instrumentalizando o processo da Universidade Cooperativa das Missões."

INSCRIÇÃO PARA EXAME VESTIBULAR NA FIDENE

Até o próximo dia 18, a secretaria da FIDENE continuará inscrevendo os interessados em frequentar cursos superiores no período letivo de 1977. As provas do concurso vestibular unificado terão lugar na sede acadêmica da Fundação, no período de 26 a 29 do corrente, com início às 8 horas. Nesta mesma página, a relação dos cursos que a FIDENE mantém nos regimes diário e de férias.

Especificamente sobre o Centro de Ciências Agrárias criado na FIDENE, com o objetivo de desenvolver sempre mais a agricultura, vale dizer que oferece dois cursos: o de Tecnólogos em

Administração Rural, para preparar pessoal que possa imprimir racionalidade à empresa e o de Tecnólogos em Cooperativismo, que visa preparar o profissional capaz de assessorar especificamente as direções de cooperativas.

O que diferencia estes dois cursos dos demais, é que foram criados tendo em vista a carência enorme de pessoal especializado para esse trabalho. Por isso são realizados em regime intensivo e exigem dedicação integral dos alunos, isto é, 2.100 horas/aula e mais de 1.200 horas de atividades orientadas junto à cooperativas e empresas rurais.



NÃO VIAJE SEM CINTO DE SEGURANÇA. VEJA PORQUÊ

Você é dos que costumam viajar sem o cinto de segurança? Você permite que sua mulher e seus filhos façam o mesmo? Você é do grupo daqueles que confessam temer ficar preso no carro acidentado, sem chance de sobrevivência? Leia as questões abaixo com as respectivas respostas, observe as ilustrações, que extraímos do Inter-Câmbio Clark e sobretudo, analise com o maior rigor e depois comente com a família e com seus amigos.

Assim você vai chegar a conclusão que o uso do cinto de segurança no automóvel, é de excepcional necessidade.

Passemos às questões:

1 - Você tem medo de ficar preso no carro acidentado, possivelmente em chamas

Sinceramente este não é um bom motivo. Pesquisas feitas por uma equipe de especialistas da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, em 10 mil acidentes que resultam em ferimentos, a incidência de incêndio foi de apenas 0,2%. É bom lembrar que mesmo nesses casos, é maior a segurança com o cinto, pois ele impede que se fique inconsciente em consequência de uma pancada. E, isto é importante, o cinto foi idealizado para ser rapidamente aberto pelo acidentado ou pessoa que o socorrer.

2 - Você acha que o cinto diminui a liberdade de movimentos de quem dirige o carro

Se esta é sua desculpa, nos desculpe, pois você nunca utilizou, então, o cinto de segurança. Se o fizer, poderá constatar que o cinto o ajuda a não ficar deslizando no acento em curvas fechadas e não deixa você sacudir, desconfortavelmente, em ruas de calçamento irregular, buracos, valetas, etc. E, nas freadas súbitas, você não é jogado para a frente...

3 - Você acredita que, para dirigir a baixa velocidade, o cinto é desnecessário

Você está mesmo por fora. Em estudos feitos em grande número de acidentes com vítimas, constatou-se que cerca de 45% dos casos fatais ocorrem a velocidades inferiores a 65 Km/h e, daquele total, 80% de todos os acidentes se deram num raio de 40 Km da casa das vítimas.

4 - Você é de opinião que o cinto de segurança é ineficien-

te em acidentes a grande velocidade, não é?

Não concordamos com você, pois há registros de inúmeros casos em que os cintos de segurança salvaram pessoas envolvidas em acidentes dos quais, se pensava, era impossível escapar com vida: colisões de frente, a 110 Km/h. Ou como o caso de quatro acidentes diferentes, ocorridos com carros da Patrulha Rodoviária da Califórnia, nos quais, em consequência de perseguição de marginais - os veícu-

los saíram da estrada e capotaram à velocidade entre 145 a 160 Km/h. Neles, os policiais saíram ilesos.

5 - Confesse, você tem medo de ficar preso no carro acidentado

Todos nós conhecemos casos de pessoas que foram "cuspidas" do carro, durante desastres e sobreviveram, o que não teria acontecido se houvessem permanecido dentro dele. Porém, é preciso reconhecer que a sorte favoreceu estas pessoas... As

estatísticas de milhares de acidentes desse tipo demonstram ser as possibilidades de ferimento mortal cinco vezes maiores quando se é ejetado do carro do que quando se permanece dentro dele.

6 - Conclusão, não tem desculpa quem não usa o cinto de segurança

Eis algumas recomendações para o uso eficiente desse excepcional equipamento de segurança, existente no veículo: aperte-o suficientemente, pois

cinto frouxo não protege; afivelo, antes de por o carro em movimento, a fim de fazê-lo segura e corretamente; inspecione-lhes toda a importância desta atitude. Lembre-se: gasta-se apenas alguns segundos para afivelá-lo e somente um instante para soltá-lo.

Na sequência de desenhos a seguir, que extraímos do Inter-Câmbio Clark, veja o que acontece com o motorista havendo um impacto a velocidade de 80 Km/h.

1 MOMENTO DO IMPACTO

2 0,026 de segundo: os pára-choques são amassados e a frenagem, na área do motorista, representa uma força correspondente a trinta vezes seu próprio peso

3 0,039 de segundo: o motorista vai sem diminuição de velocidade.

4 0,044 de segundo: aqui ele já amassou o volante devido à força do impacto.

5 0,068 de segundo: o motorista choca-se contra a coluna de direção, com uma pressão de cerca de 4 toneladas.

6 0,092 de segundo: após o "vão" de retorno, o motorista já pode estar morto... A pressa acabou. Resta para ele, todo o tempo deste mundo... E do outro.

TRABALHADOR BEM PROTEGIDO PRODUZ MAIS, RENDE MAIS

São necessários vários anos para que se crie um bom trabalhador. É preciso que haja conscientização para o fato que as vezes basta uma fração de segundos para que este bom trabalhador seja destruído. E o que é pior: com este bom trabalhador perde-se também um bom chefe de família ou um filho, cuja falta será chorada para sempre pelos que ficam.

A C.I.P.A. têm essa preocupação. Zelar para que

o trabalhador em boas condições psíquicas e físicas, produza por muitos anos. Participe dos cursos C.I.P.A. e ajude a divulgar as técnicas de segurança aprendidas junto aos seus colegas de trabalho.

Você também pode ajudar seus colegas menos experientes aconselhando-os a usar os instrumentos e indumentária de proteção comprados por sua empresa. Seja previdente.



SECRETÁRIO OTIMISTA COM SAFRAS

As primeiras estimativas da Secretaria da Agricultura para as safras agrícolas do corrente ano se apresentam otimistas, revelando perspectiva de crescimento na produção gaúcha.

Trabalho neste sentido foi entregue ao Secretário Getúlio Marcantônio, pela Comissão Estadual do Planejamento Agrícola (CEPA). Segundo o trabalho, os bons preços alcançados pela soja, tanto no mercado interno como externo e sua boa adaptação ao solo gaúcho, constituem fatores importantes que permitirão aumento para a próxima safra. A primeira estimativa é de uma produção de cerca de 5,4 milhões de toneladas (contra 5,1 deste ano) e uma área plantada em torno de 3,5 milhões de hectares. Este ano a área plantada foi de cerca de 3.290.000 hectares. Em face dos problemas criados com a comercialização do arroz, a perspectiva é de que o plantio se mantenha no Estado sem acréscimo, mas a produtividade média poderá aumentar, como vem ocorrendo nos últimos anos. É esperada uma produção de aproximadamente 1,92 milhões de toneladas. A atual safra atingiu 1,88 milhões de toneladas e a área de plantio foi de 520 mil hectares.

Já a produção de feijão deverá experimentar aumento, sobretudo em virtude do preço mínimo estimulante estabelecido pelo governo federal. A safra 1975/76 é da ordem de 140 mil toneladas, com uma área de 182 mil hectares. Para 1977 se espera um aumento médio da produtividade em torno de 7%, o que dará uma produção total (somadas a safra e a safrinha) de aproximadamente 150 mil toneladas.

Com relação ao trigo, os levantamentos feitos admitem que para 1977 permaneçam os níveis atuais de área plantada, podendo haver discreto crescimento, tudo dependendo da política que o governo vier a adotar para o setor. As previsões — ainda sujeitas a alterações — são de que a produtividade da atual safra em final de colheita anda por volta de 900 quilos por hectare. Apesar de inferior às previsões iniciais é bem melhor que a do ano passado, que atingiu a 650 quilos por hectare.

Para o milho há expectativa de um bom aumento, tanto na área como na produtividade. A campanha lançada pela Secretaria da Agricultura vem se desenvolvendo de maneira auspiciosa, esperando-se que, com ba-

se no tripé boa semente, calagem e adubação adequada, a atual produtividade de 1.500 quilos por hectare aumente em 200% nos próximos anos. Para 1977, além do aumento da área plantada é esperado um aumento de produtividade ao redor de 20%, o que daria uma produção de 3 milhões de toneladas, cálculo que os técnicos da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola consideram bastante conservador. Este ano a produção estimada é de 2.443.000 toneladas.

Para a mandioca, em virtude dos bons preços vigorantes no mercado, é esperado um aumento entre 5 e 10% da área cultivada, acreditando-se que a produção ultrapasse os três milhões de toneladas.

A produção de batata inglesa tem perspectivas de aumento, esperando-se uma produção de 415 mil toneladas para o próximo ano, contra 403 mil de 1976.

Os técnicos acreditam no aumento significativo da produção nos próximos anos, especialmente porque a Secretaria da Agricultura vai implantar em 1977 um serviço de fornecimento de batata-semente aos agricultores, o que poderá melhorar bastante a produtividade

MANDIOCA, ALIMENTO QUE PODE SER COMBUSTÍVEL

O Brasil é o maior produtor mundial de mandioca, sendo responsável por 30% da produção mundial e por 88% da produção na América Latina, disse o secretário geral do Ministério da Agricultura, sr. Paulo Afonso Romano, ao falar na Semana de Tecnologia Industrial que abordou o tema: etanol, combustível e matéria-prima.

Segundo o secretário geral do Ministério da Agricultura a escolha da mandioca como fonte produtora de álcool apresenta a vantagem de poder ser cultivada nos cerrados e cerradões, impróprios ao desenvolvimento da cana. A mandioca ainda apresenta maior resistência às pragas e a opção de sua utilização poderá trazer a valorização de terras pobres.

ALCOOL E ALIMENTO

Os argumentos de que a mandioca também é utilizada co-

mo alimento, segundo o sr. Paulo Afonso Romano, podem influir contrariamente a decisão de usar o produto para a obtenção do álcool, pois é muito pobre em proteínas.

Entretanto, os resíduos do processamento de fermentação alcoólica através da hidrólise enzimica são totalmente aproveitáveis como ração animal. A mandioca apresenta também a vantagem de significar uma sensível melhoria para um número expressivo de trabalhadores rurais.

Falta à mandioca a tradição agrícola e uma maior tecnologia no seu plantio. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) criou na cidade baiana de Cruz das Almas o Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca, onde as pesquisas são levadas a efeito e coordenadas a nível federal.

COTRIJUI FORNECE MUDAS FRUTÍFERAS

A partir deste mês a COTRIJUI estará recebendo pedidos de reserva de mudas de árvores frutíferas. As encomendas serão aceitas nas unidades da cooperativa, nos meses de janeiro, fevereiro e março, para entrega nos meses de junho e julho próximos, época própria para o plantio. Ao encomendar as mudas, o associado receberá toda a orientação do Departamento

Técnico da COTRIJUI, para preparo de covas e outros cuidados a tomar.

O valor das mudas adquiridas pelo associado poderá ser debitado em conta corrente. O setor de fruticultura da COTRIJUI oferecerá mudas de todas as espécies em nossa região.

FAÇA SUA ENCOMENDA. PLANTE ÁRVORES E COLHA FRUTOS.

VISITE O CENTRO DE TREINAMENTO

A partir deste mês de janeiro, o Departamento Técnico da COTRIJUI colocará em ação um programa de visitas de associados ao Centro de Treinamento da cooperativa, antigo Posto Agropecuário. Os associados interessados em conhecer os experimentos realizados no Centro, a nível de integração lavoura-pecuária, conta-

rão sempre com a orientação de técnicos. Para isso, deverão realizar suas visitas as terças, ou as quintas-feiras. Se na parte da manhã, as 9 horas, e se à tarde, a partir das 15 horas, quando se terá tempo disponível para visita e observação das técnicas de plantio e desenvolvimento das diversas culturas.

FIXADOS OS NOVOS PREÇOS AGRÍCOLAS

A Comissão de Financiamento da Produção, órgão do Ministério da Agricultura, acaba de divulgar os novos preços mínimos que já estão em vigor para a safra 76/77.

Esses preços fixados todos os anos tem, entre outras, as seguintes finalidades: cálculo do adiantamento máximo nas operações; garantir a compra do produto agrícola pelo Governo, na hipótese em que o mercado não ofereça opção mais vantajosa; e financiamento de estocagem, com juros favorecidos, de 10% ou 15% ao ano.

O preço mínimo é líquido. Não comporta deduções do I.C.M., FUNRURAL, juros ou armazenagem. Se o produto por ventura vendido estiver ensacado, o agricultor recebe um adicional do valor da sacaria. O preço mínimo é para produto de boa qualidade. Quando a caracte-

rística for superior ao padrão base, há elevação do preço. Produto de má qualidade não se enquadra no amparo da Comissão de Financiamento da Produção.

Para conhecimento dos produtores damos em seguida o preço para Ijuí (RS) e Santo Augusto (RS), fixados pelo Conselho Nacional de Abastecimento CONAB.

Arroz	CrS 108,66
Aveia	CrS 50,00
Centeio	CrS 76,80
Cevada	CrS 921,20
Feijão cores	CrS 216,00
Feijão preto	CrS 215,40
Soja	CrS 96,60
Sorgo	CrS 59,40

Os preços acima correspondem a classificação base dos produtos e respectivas unidades de peso.

Arroz em casca... classe longo, tipo 2, rendimento 50% inteiros e 18% quebrados, 50 kg.

Aveia... grupo 2, classe branca, tipo 2, 40 kg.

Centeio... grupo 3, tipo 2, 60 kg. Cevada... classe cervejeira, tipo 2, 60 kg.

Feijão cores... grupo 1, anão, classe branco, cores e rajado, tipo 3, 60 kg.

Feijão preto... grupo 1, anão, classe preto, tipo 3, 60 kg.

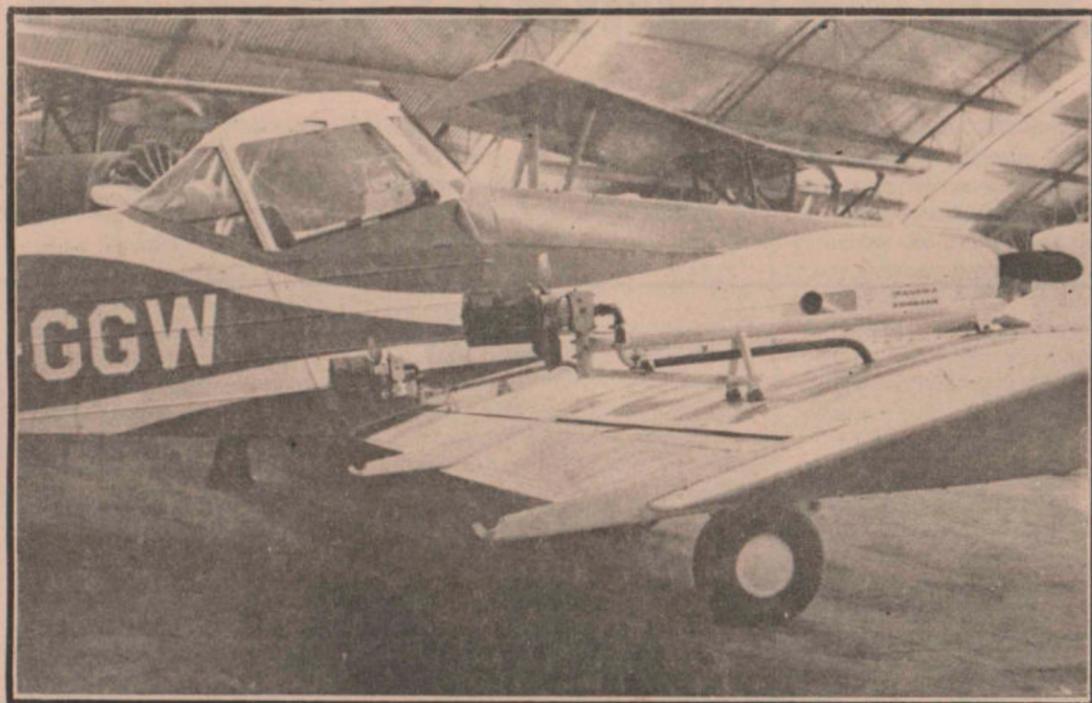
Soja grupo médio, classe amarela, verde, marrom, preta e mista, tipo 3, 60 kg.

Sorgo... Classe branco, amarelo, vermelho e castanho, tipo 3, 60 kg.

Informações mais detalhadas poderão ser obtidas na carteira de crédito rural do Banco do Brasil S.A. ou junto ao departamento de crédito da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda.

PULVERIZAÇÃO

A AVIAÇÃO AGRÍCOLA NA REGIÃO COTRIJUI



Avião Ipanema, de fabricação nacional, equipado para prestar serviços na pulverização de lavouras, com modificações para maior rendimento e segurança.

Durante o ano de 1976, a aplicação aérea através de aviões na região COTRIJUI, alcançou 92.189 hectares. Desse total, foram pulverizados 43.008 hectares de lavouras de soja e os restantes de trigo. Se levarmos em conta que os melhores equipamentos de pulverização terrestre não chegam a superar a marca dos 20 has/dia, teremos encontrado nestes números razão mais que suficiente para, no primeiro ano de atividades da Aero-Agrícola COTRIJUI Ltda, atestarmos a comprovada eficiência da empresa. Diminuição de custos, agilização dos métodos de combate às pragas e eficiência na aplicação, são algumas das muitas vantagens que proporciona a aplicação de inseticidas, herbicidas e fungicidas por meio de avião. Esta reportagem mostra a Aero-Agrícola COTRIJUI, através do que já foi feito e do muito que resta fazer, em defesa de uma lavoura mais rentável e, conseqüentemente, de um agricultor progressista.

INOVAÇÃO NECESSÁRIA

Relativamente nova em termos de Brasil, a aviação agrícola já movimentou em 1975 mais de 220 unidades, proporcionando cobertura a cerca de dois milhões de hectares. No ano que passou estes números aumentaram, com maior crédito de parte da agricultura a pulverização aérea, enquadrada como "insumo moderno" desde o ano de 1973, pelo Banco do Brasil. A situação peculiar do binômio trigo-soja, no caso do nosso Estado, exigiu da COTRIJUI uma to-

mada de posição na proporção do crescimento das lavouras e área de plantio. E em novembro de 1975 era constituída a Aero Agrícola COTRIJUI Ltda, com participação da cooperativa e de Nestor Diaz Quijano, argentino empresário de aviação agrícola.

O AVIÃO SE ADAPTA AO MEIO

Segundo o diretor da Aero Agrícola COTRIJUI Ltda, Nestor Diaz Quijano, o avião agrícola, destinado a pulverização, é de fácil adaptabilidade, desde que esta necessidade se alicerce em conhecimentos profundos do aparelho, quer pela pesquisa, quer através da experiência. É isto não falta ao sr. Quijano, que já prestou serviços na aviação agrícola em mais de cinco países dando cobertura a diferentes culturas.

Conhecedor profundo da mecânica aérea, introduziu modificações nos aparelhos destinados à pulverização, com vistas a aumentar a segurança do piloto, reduzir os custos pela diminuição do consumo de combustível e insumos, e obter rendimento máximo. Uma das mudanças, talvez a de maior significado, foi feita por Nestor D. Quijano e sua equipe no Alerón dos aviões Ipanema, de fabricação nacional. A diferença de curvatura proporcionada pelo novo equipamento assegura maior segurança ao piloto, além do que diminui o tempo e combustível gastos. Além do Alerón, peça móvel localizada em ambas as asas, outros equipamentos foram modificados, podendo significar uma contribui-

ção da Aero-Agrícola COTRIJUI a aviação agrícola do país.

Ao dispor dessa infraestrutura, toda comprometida com o sucesso da lavoura, os agricultores assumem um posicionamento que refletirá positivamente nas safras, quer de trigo, de soja, ou de outra cultura. Os aviões da Aero Agrícola COTRIJUI já estão operando no combate às pragas que infestam as lavouras de soja. Caso necessária a intervenção dos aparelhos, deve ser procurado o Departamento Técnico da cooperativa, ou chamar o telefone 29-33, em Ijuí.

PULVERIZAÇÃO AÉREA NO MINIFÚNDIO

Um aspecto importante da pulverização aérea, nos moldes dos serviços prestados pela Aero-Agrícola COTRIJUI, é a cobertura das lavouras em áreas de minifúndio. O trabalho, realizado de maneira prática, consiste em englobar num só local (pista) os defensivos dos diversos proprietários cujas lavouras formem divisas entre si. Esta programação é previamente acertada pelos produtores interessados junto ao Departamento Técnico da cooperativa, ou com a equipe da Aero-Agrícola.

Essa observação foi feita pelo Técnico Agrícola João Valmir Cezimbra Lopes, da unidade de Ajuricaba, após minucioso acompanhamento de pulverizações aéreas realizadas em lavouras daquele município, nas últimas safras de soja e trigo. O quadro demonstrativo a seguir retrata as vantagens (redução de custos,

eliminação de pragas numa grande área, rapidez na aplicação dos defensivos, eliminação quase completa de mão-de-obra, etc)

que obtém o agricultor ao contar com a pulverização aérea, mesmo sendo proprietário de áreas médias ou pequenas.

ANO	Ha	Nº de propriedades	Área média p/ propriedade	Custo ha inseticida	Custo ha avião	Custo total ha
01/76	1446	45	32	31,36	27,00	58,36
02/76	2090	56	37,3	30,00	27,00	57,00
09/76	2018	76	26,5	41,00	35,00	76,00

CARNE DE DOM PEDRITO

Segundo o sr. Alceu Carlos Hickenbick, diretor comercial da COTRIJUI, carregamentos de dez mil quilos de carne se sucedem a cada cinco ou seis dias, isto para abastecimento ao consumo em condições normais.

A foto ilustra a qualidade do produto, o zelo pela conservação de rígidos padrões de higiene, segundo as regras do D.I.P.O.A. valendo acrescentar que a carne fornecida o é segundo rigorosa observância da tabela de preços da SUNAB.

A dinâmica cooperativista que norteia os empreendimentos da COTRIJUI, levou a cabo mais uma frente de serviços em benefício dos associados, qual seja o funcionamento total do açougue e fiambreira do supermercado-sede.

Desde a primeira semana de dezembro, os agricultores da região de Ijuí e que se abastecem no mercado da cooperativa, estão consumindo carne de excelente qualidade, procedente do Frigorífico de Dom Pedrito.



COTRIJUI-PEDRITENSE: LAVOURA E PECUÁRIA

Durante a visita conjunta feita pelas direções da COTRIJUI e da Cooperativa Agropastoril Pedritense à Secretaria da Agricultura, a 9 de dezembro, foi oficializada a intenção de ambas as cooperativas de incorporação da segunda, por parte da primeira. A decisão final no entanto está agora na dependência do quadro social da COTRIJUI, a quem caberá decidir em assembléia geral, da efetivação ou não da medida.

Ambas as direções, tendo a frente os srs. João Clóvis Gonçalves e Ruben Ilgenfritz da Silva, respectivamente, da Cooperativa Agropastoril Pedritense e COTRIJUI, foram recebidas pelo diretor-geral da Secretaria da Agricultura, sr. Rodolfo Ferreira. O diretor-presidente da cooperativa de Dom Pedrito declarou que "o movimento de incorporação, a título de sugestão, tinha partido dos próprios produtores". O presidente da COTRIJUI declarou na mesma oportunidade que "a fusão das cooperativas vem concretizar, na prática, a integração da lavoura e da pe-

cuária. A Cooperativa Agropastoril Pedritense tem 1.175 associados. E estes, segundo seu presidente, aprovaram por unanimidade a incorporação. O objetivo dos pedritenses é receber a tecnologia agrícola e industrial e as experiências comerciais da COTRIJUI.

No que se refere a COTRIJUI, seu quadro social está sendo consultado para uma provável aceitação da incorporação, que é sem dúvida muito importante para ambas as cooperativas gaúchas, pois que representa o casamento da agricultura com a pecuária, usando uma infra-estrutura já completamente montada de ambos os lados.

Tanto a COTRIJUI como a Pedritense já têm bons mercados internacionais, como Bélgica, Holanda, França, Espanha, México, Inglaterra, Alemanha, Repúblicas socialistas e outros, além dos já garantidos mercados nacionais.

Ruben Ilgenfritz refuta qualquer insinuação de que a fusão fere os princípios cooperati-

vistas, dizendo que "em qualquer tipo de economia deve-se pensar em economia de escala. Esta visão os produtores já têm e dessa forma não podemos to-

lher a sua capacidade de criatividade. Se o Governo deseja apoiar a iniciativa privada, nada melhor do que apoiar o cooperativismo onde está o produtor. Se o coo-

perativismo cresce é porque existe uma participação ativa dos associados e, conseqüentemente, acreditamos estar cumprindo com o nosso dever".



PEDRITENSE DONA DE BOA ESTRUTURA

A Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris é detentora de uma excelente infra-estrutura, num suporte capaz de manter um crescimento ilimitado nas setoriais da agricultura, da carne e da lã. Mas é principalmente na carne e na lã, graças a excelência de seus campos finos, que antevemos uma evolução impossível de ser prevista, dado o seu volume.

Um frigorífico moderno, construído e equipado dentro das exigências legais do D.I.P.O.A., tem capacidade média de abate mas sendo equipado com maquinaria moderna, apresenta índice de aproveitamento de cem por cento. Quer dizer, a totalidade das partes do animal são aproveitadas, num processo industrial escalonado.

Além disso, o frigorífico da Pedritense pode aumentar sua capacidade de abate sem que para isso seja necessário parar o trabalho.

Graças a um projeto de engenharia bem elaborado, podem-se acrescentar novas unidades tanto de obras civis como equipamentos, por estágios de sucessão.

No setor de lãs, a cooperativa mantém uma barraca de boa capacidade de seleção e enfardamento (fardos de até 450 quilos), com possibilidades de aumento de espaço. Outra característica da Pedritense é sua versatilidade de atuação no mercado, operando com tudo o que o associado produz.

Essa participação global, que será mantida após a incorporação pela Cotrijui, antecipa possibilidades de um maior desenvolvimento para Dom Pedrito e toda a sua região, segundo opinião de seu presidente, sr. João Clóvis Gonçalves Maia.

LEIA NA SEÇÃO DOS MUNICÍPIOS AMPLA REPORTAGEM HISTÓRICA SOBRE DOM PEDRITO.

Na foto aparece o sr. João Clóvis Gonçalves Maia, diretor-presidente da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris, quando explicava à reportagem do COTRIJORNAL o sistema de alta-tensão da unidade do frigorífico. Independente da força da CEEE, que recebe energia da Usina Candiota localizada no município de Bagé, com sobra de oferta, o frigorífico da Pedritense possui uma unidade de gerador próprio destinado especialmente às câmaras frias. Dessa forma, segundo explicou o presidente Gonçalves Maia, mesmo que ocasionalmente ocorra uma paralisação por parte da CEEE, não há nenhum perigo para o produto da pedritense.



DESTACADA A IMPORTÂNCIA DO COOPERATIVISMO DE PRODUÇÃO

O secretário-geral do Ministério da Agricultura, sr. Paulo Romano, em pronunciamento publicado pelo boletim "Agricultura Notícias", órgão editado pela Assessoria de imprensa do Ministério, ressaltou a importância do cooperativismo.

Dada a importância do pronunciamento daquela autoridade, publicamo-lo em sua íntegra.

"As cooperativas agropecuárias integram a estrutura de apoio à agricultura, pois o agricultor isolado acaba por perder a capacidade competitiva e sua própria autonomia", afirmou o secretário Paulo Romano, na abertura do I Congresso Estadual de Cooperativismo de Minas Gerais. Assinalou ser o fortalecimento do cooperativismo motivo de interesse não só do produtor e dos administradores de suas cooperativas, como do próprio Governo.

As cooperativas agrícolas — disse — conquistaram uma imagem

quase universal de uma instituição econômica através da qual os agricultores podem melhorar o seu quinhão na vida e proteger-se da exploração de terceiros. Mas não é só com relação a estes objetivos que se pode analisar as funções que desempenham. Elas têm também um relevante papel no sentido de transformar a agricultura moderna, de produção e produtividade elevadas, ao facilitarem a seus cooperados acesso ao emprego, em suas culturas, de técnicas e insumos atualizados, que seriam quase impossíveis ao Governo levar a cada produtor isolado.

Lembrou o secretário geral do Ministério da Agricultura que foi com o propósito de consolidar o sistema que, pela primeira vez no Brasil, o cooperativismo foi contemplado, de forma explícita, num plano nacional de desenvolvimento econômico o II PND.

E o presidente Geisel e o ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, por diversas vezes, em diferentes lugares e ocasiões, manifestaram de forma inequívoca seu irrestrito apoio ao cooperativismo brasileiro, embora ressaltando que a ação governamental, no setor, não teria cunho paternalista, pois as cooperativas constituem sobretudo uma iniciativa de caráter privado.

Citando a criação do Prona-coop como mais uma evidência dos propósitos do Governo para o cooperativismo, pois o programa visa a integração dos esforços em seu favor pelos órgãos que, a nível nacional, estão mais ligados ao cooperativismo: o INCRA, BNCC, EMBRATER e a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Paulo Romano frisou estar patenteado que as ações governamentais, no presente, representam uma oportunidade para a consolida-

ção do sistema. No entanto, esclareceu, a consecução plena dos objetivos de ambas as partes — Governo e cooperativas — exige uma contrapartida das cooperativas no sentido de que estas melhor se estruturarem, a nível local e em escalões sucessivos.

Uma cooperativa — frisou — como qualquer outro ramo de negócio, deve operar em escala razoável, para que os custos sejam também razoáveis.

Cooperativas de pequeno porte dificilmente atingirão estágio de desenvolvimento que lhes permita contratar gerentes de bom nível e pessoal capacitado ou realizar investimentos industriais. Se uma cooperativa não reúne as condições que lhe permita desenvolver-se e produzir resultados que satisfaçam seu quadro social, ela deverá buscar a integração vertical.

Assim, a união de pequenos cooperativistas, em âmbito regional ou estadual, somando esforços e recursos, ampliando áreas de ação, criará condições ideais de desenvolvimento e assegurará a seus cooperados um retorno satisfatório, estimulando-os cada vez mais a expandir as suas atividades.

O Ministério da Agricultura — concluiu Paulo Romano — espera que o I Congresso Estadual de Cooperativismo de Minas traga, em seu desenrolar, soluções que assegurem às cooperativas de pequeno e médio porte uma integração efetiva no sistema, propiciando-lhes as bases de um desenvolvimento ordenado e seguro que, em última análise, representa o engrandecimento do cooperativismo que, com o seu fortalecimento constitui também uma forma de fortalecermos a própria empresa nacional.

COTRIJUI INCORPOROU A COOPERATIVA MAUÁ

Realizou-se a 4 de dezembro último, na sede social da AFUCO-TRI-Ijuí, a assembleia geral extraordinária conjunta das cooperativas Mistas Mauá Ltda., e Regional Triticola Serrana Ltda., para deliberar sobre a incorporação de Mauá pela COTRIJUI. Por acharmos de interesse dos produtores ligados a ambas as cooperativas, publicamos na íntegra o parecer da comissão mista constituída especialmente para tratar da viabilidade da incorporação.

"1º) Considerando que a quase totalidade dos associados da Co-

operativa Mista Mauá Ltda., são também sócios da COTRIJUI; 2º) Considerando que para dar continuidade ao bom e adequado atendimento aos seus associados a Cooperativa Mista Mauá necessitaria construir um armazém graneleiro, cuja construção seria inviável face a escassez de recursos financeiros; 3º) Considerando que, os produtos recebidos pela Cooperativa Mista Mauá são entregues para comercialização, à própria COTRIJUI; 4º) Considerando que os custos administrativos da Mauá, razoavelmente elevados, poderiam ser diluídos através

da administração centralizada da COTRIJUI; 5º) Considerando ainda que a Cooperativa Mista Mauá não teria plenas condições financeiras para atender aos compromissos assumidos; 6º) Considerando finalmente, que o ativo fixo da Cooperativa Mista Mauá, proporciona cobertura integral aos compromissos a serem transferidos à COTRIJUI, e que esta, através de uma infra-estrutura bem montada e com desempenho altamente satisfatória poderá, com maiores vantagens atender aos interesses dos associados daquela cooperativa, a Comissão, pelo voto unânime de seus integrantes, é favorável à incorporação da Cooperativa Mista Mauá Ltda. pela Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. — COTRIJUI, Ijuí, 29 de novembro de 1976. A Comissão Mista".



A incorporação efetivamente se deu a 4 de dezembro, igualmente de forma unânime, em assembleia que contou com a presença de asso-

ciados de ambas as cooperativas, mais membros das diretorias e dos Conselhos de Administração. Na foto um aspecto da Assembleia.

CURSO DE TELEFONIA RURAL

Ministrado pelo especialista em telecomunicação, engenheiro



Luiz C. Izzo, realizou-se em dependências da COTRIJUI, a 28 de dezembro, um curso sobre telefonia rural. O curso, que foi ministrado aos especialistas de educação e comunicação das cooperativas componentes da CCGTEL (Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicação), que é presidida pelo sr. Arnaldo Oscar Drews, teve em vista preparar o pessoal para fichar associados para a aquisição de telefones rurais.

Na foto o engenheiro Luiz Izzo, que veio especialmente de São Paulo com essa finalidade, dá explicações técnicas sobre telefonia rural, sistema já bastante disseminado no estado bandeirante.

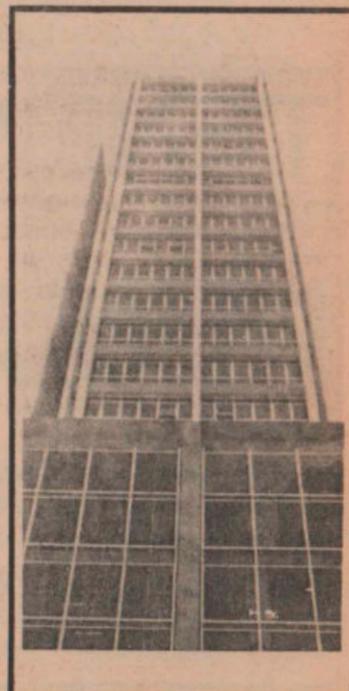
FECOTRIGO JÁ ESTÁ EM CASA NOVA

A FECOTRIGO — Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja — e mais as empresas componentes do grupo já ocupam um prédio próprio de 16 pavimentos, localizado na rua Andrade Neves, 106, em pleno centro de Porto Alegre.

A foto mostra a fachada parcial do bonito edifício, onde se nota as linhas de uma arquitetura moderna, demonstrando funcionalidade em seu espaço interior. Trata-se de uma importan-

te conquista na área do cooperativismo. Exatamente quando o sistema estrutura-se em variados níveis para ampliar a prestação de serviços que a Nação exige e realmente necessita.

Com o aumento do serviço que a FECOTRIGO desenvolve em sua área específica, aumentam também suas responsabilidades perante às federadas, que passaram a ter no prédio recém adquirido, um espaço para o desempenho de suas atividades na Capital do Estado.



DOM PEDRITO

APÓS AS REVOLUÇÕES, PAZ E PROGRESSO

Quem observa nos dias de hoje os campos de Dom Pedrito, não pode ver nada mais tranquilo e repouante. O silêncio só é interrompido pelo quero-quero arisco, pelo mugir do gado de raça que pasta em manadas a perder de vista e pelo tropel dos ginetes que, a rédea solta, cruzam aquelas lonjuras em todas as direções.

Mas houve época que Dom Pedrito não teve paz. Os piquetes revolucionários cruzavam a região em todas as direções. Cadáveres insepultos serviam de pasto aos abutres e a fuzilaria de Caramurus e Federalistas; Maragatos e Assisistas, eram uma constante na vida da região.

A Revolução Farroupilha já encontrou Dom Pedrito como comunidade organizada, apesar de ainda não ser município. Pertencia a Bagé, constituindo os 3º e 4º distritos, sob o nome de Paz.

Mas apesar de chamar-se "Paz", por estar na linha regional das lutas definidoras da fronteira sul, entre os espanhóis e luso-brasileiros, viveu tragédias de guerra sobre guerra, principalmente no largo período das lutas Cisplatina e Guerra Farrapa.

Cessadas as guerras, que por quase um século entravou o desenvolvimento do lugar, Dom Pedrito passou a progredir em população, trabalho e em economia, consequentemente. Pode se dizer que enquanto houve paz, houve desenvolvimento. Em 1859 Dom Pedrito foi elevado à categoria de freguesia; vila em 1872 e em 1888 a cidade, quando teve instalada a primeira Câmara Municipal. Mas ainda na sua fase de município, Dom Pedrito viveria dois períodos de dificuldades bélicas. Foram a Revolução Federalista (1893-1895) e a Revolução de 23.



Dom Pedrito, uma cidade com raízes espanholas.

ASPECTOS FÍSICOS

O município de Dom Pedrito faz parte da microrregião da Campanha, localizada no extremo sul. Predominam extensas planícies de vegetação rasteira — campos — surgindo de quando em vez capões ao longo de riachos que cruzam os baixios de terras de fraca ondulação.

Possui uma área de 5.189 km² limitada pelos municípios de Rosário do Sul, São Gabriel, Lavras do Sul, Bagé, Santana do Livramento e República Oriental do Uruguai.

O clima é temperado e úmido, com umidade relativa entre 80 a 85%. O verão é brando e o inverno rigoroso, registrando-se médias máximas em torno de 38º centígrados e mínimas em torno de 7º. A precipitação de chuvas em 1971 (dados do IBGE) foi de 989 milímetros. Chove com maior insistência nos meses de julho, agosto e setembro. Ocorrem geadas de 15 a

20 dias por ano e nos invernos mais rigorosos pode ocorrer quedas de neve, embora fracas.

A natureza do solo varia, desde o pesado e compacto, pouco permeável, até o fortemente permeável. O curto trecho fronteiriço é marcado pela Coxilha de Santana até arroio São Luiz, afluente do rio Negro, que atravessa o Uruguai.

Dom Pedrito é banhado pelo rio Santa Maria e grande número de seus afluentes que têm origem nas coxilhas de Santana, do Hospital e do Haedo (Uruguai); e por diversos ri-

chos formadores do Ibicui da Armada, também afluente do rio Santa Maria. Mas é este mesmo Santa Maria e seus afluentes Taquarembó, Pirai, Santa Maria Chico e Ponche Verde, que formam a principal bacia hidrográfica do município, irrigando e fertilizando extensas áreas. Existem ainda os arroios Camaquã, Camaquã do Tabuleiro, Upacará e Vacaiquá, em cujas margens se estendem grandes lavouras de arroz.

A cidade de Dom Pedrito situa-se a 140 metros de altitude em relação ao nível do mar e dista 348 km em linha reta, de Porto Alegre.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

O último recenseamento (IBGE) realizado em 1970 encontrou uma população de 32.831 habitantes, sendo 21.046 na cidade e 11.785 no

interior.

Para a totalidade do município registrava-se equilíbrio entre população masculina e feminina. O censo

acusou 16.352 homens e 16.479 mulheres. Quer dizer, as mulheres formavam 50,2% enquanto os homens eram minoria, com 49,8%.

A densidade demográfica verificada no último recenseamento, oscilava em torno de 6,33 habitantes por quilômetro quadrado.

ASPECTOS ECONÔMICOS

Dom Pedrito firma sua riqueza na agricultura e na pecuária. Desde os primórdios do povoamento foram as terras divididas em estabelecimentos de criação de gado. A princípio não havia sequer lavoura de subsistência. As estâncias, tão tradicionais em nossa Campanha, constituíram, assim, a primeira base fundiária de toda a região.

Mas, somando-se a carne e a lã, a agricultura vem deslançando nos últimos decênios, principalmente através do arroz mas também o milho o trigo, a aveia e últimamente, até a soja.

O movimento comercial é ativo. Quase uma dezena de bancos mantém agências no município. A câmara de compensação de cheques registrou em 1972 o seguinte movimento: 81.913 cheques no valor total de 80,8 milhões de cruzeiros.

O município é cortado pela rodovia BR-293 (federal), que o liga diretamente a Santana do Livramento e ao território do Uruguai pelas estradas RS-11, 38, 69 e 89, além das estradas municipais. É servido ainda pela RFFSA. LEIA NA PÁGINA "COOPERATIVISMO" MAIS NOTÍCIAS SOBRE DOM PEDRITO.

TENENTE PORTELA

PEDIDO ASFALTO ATÉ ESTRADA DA PRODUÇÃO

O prefeito Israel Capelari espera que para este ano seja concretizada uma antiga aspiração do município: uma ligação asfáltica com a estrada da produção. Pois,

atualmente, em dia de muita chuva, os caminhões que transportam os três principais produtos do município, soja, trigo, suínos, não conseguem transitar devido as

más condições da estrada de terra. O roteiro atual dos transportadores vai de Tenente Portela até Redentora, de lá seguem para Palmeira das Missões, daí ru-

mando para Sarandi, de onde saem para o asfalto. A distância que os caminhões percorrem é de 76 quilômetros. Ao passo que se fosse construída uma ligação as-

fáltica entre Tenente Portela e Frederico Westphalen ou Sarandi, a distância diminuiria para 40 quilômetros até atingir a estrada da produção.

PREFEITOS E VEREADORES A SEREM EMPOSSADOS DIA 31



O prefeito eleito, Wilson Maximino Mânica, ao receber o diploma das mãos do atual prefeito Emídio Odósio Perondi. A partir de 31 do corrente e durante os próximos quatro anos, será prefeito dos ijuenses.



A solenidade de diplomação dos eleitos a 15 de novembro na área da 23a. Zona Eleitoral, realizou-se a 28 de dezembro no salão de atos da Prefeitura Municipal de Ijuí. Os trabalhos foram presididos pelo dr. Moacir Adiers, juiz diretor do Foro. Na foto, o dr. Carlos Roberto Lendler, logo após haver assumido a 2a. Vara Civil, faz entrega do diploma ao vereador eleito pelo MDB, Valmir Beck da Rosa, nosso companheiro de redação.

PAGAMENTOS NO INPS

Segundo comunicação que nos foi endereçada pela Assessoria de Comunicação Social do INPS, durante os meses de novembro e dezembro últimos, o órgão concedeu benefícios no total de 24.639 no nosso Estado. E durante o decorrer deste mês, serão renovados 71 mil carnês de auxílio-doença, totalmente preparados por computador.

Em cada carnê, já em posse dos beneficiários, está anotado o período hábil para o mesmo receber o benefício a que têm direito bem como o estabelecimento bancário em que a respectativa importância está depositada.

As eleições de 15 de novembro de 1976 introduziram modificações nos quadros administrativos dos municípios, dentre os quais os da região de influência da COTRIJUI. A seguir a nominata dos eleitos, cuja posse dar-se-á no dia 31 de janeiro.

IJUI

Arena: prefeito, Wilson Mânica; vice-prefeito, Olivar Scherer; vereadores — Armerindo S. Lima, Adair Cazarin, Egídio Wissmann, Egone Franke, Élio Picoli, Heitor Fernandes, José Henrique da Silva, José Zanchett José Wilson Sandri e Nilson Brum. MDB: vereadores — Euclides Veriatto da Cunha, Eugênio Laureano Netto, Jayme Sérgio Muraro, João Batista Luchese, João Leonardo Vieira Koehler e Valmir Beck da Rosa.

TUPANCIRETÁ

Arena: prefeito, Miguel Chiapetta Cardoso; vice-prefeito, Hélvio Fernandes; vereadores — Oslei da Silveira, João Francisco Medeiros, Daltro José Burtet, Jandir Andreatta, Evandro Gomes Silveira e Vilmar Amadeu Soldera. MDB: vereadores — Justino Roberto Silva, José Carlos Hickenbick, Amauri Grotto, João Marino Gomes e Eduardo Dumoncel Neto.

AUGUSTO PESTANA

Arena: prefeito, Alfredo Schmidt; vice-prefeito, Luiz Carlos Pascoal; vereadores: — João Batista Deboni, Orlando Mirto Pellenz, Edmar Nogara e Aldino Mario Grauncke. MDB: vereadores — Seno Augusto Schwerz, Alvaír Mattione e Olmiro Celeste Burtet.

TENENTE PORTELA

Área de Segurança — prefeito: Israel Capellari. Arena — vereadores: Albino Furini, Benjamin Mario Lorenzon, Erni Arnildo Pilger, Lucio Adalberto Motta, Antônio Carlos Oliveira dos Santos, João Pedro Weiller, Benno Seno Fries. MDB: — vereadores: Alserio Zanatta, João Gheller Filho, Odilo Gabriel e Lucídio Tissot.

REDENTORA

MDB: prefeito, Arnaldo Roeter; vice-prefeito, Enélio Cossetin. Vereadores: Hamilton C. Belinasso, Vilmar Costa de Almeida e Valdir G. de Lima. Arena: vereadores: Carlos Vie-

zorek, Everaldo S. Fortes, Ademar R. Schartzbold e Eli Souza da Silva.

AJURICABA

Arena: prefeito, Zeferino Pretto; vice-prefeito, Dr. Gerald Bortolo Sperotto. Vereadores: Edvin Edgar Rader, Guilherme Tomm, Helmuth Lausmann e Alberto Wiegert. MDB: Vereadores: Humberto Fiorentini Salvador, Davi Buchanelli e Orlando José Koller.

CHIAPETTA

MDB: prefeito, Herber Hintz; vice-prefeito, Neri Fernandes Eneas. Vereadores: Cels Maboni, Alceno Elvino Wolmer, Valdomiro Rotili e Aur Eickhoff. Arena: Vereadores: Gentil Maboni, Milton Savaris José Rospierski.

CATUIPE

Arena: prefeito, Luiz Fiorin Menegon; vice-prefeito, Constantino Domenegui. Vereadores: Esmelindo de Jesus, Ricardo Roberto, Hugo Rigotti, Clóvis Antonio Cervi e Osório Pedro Ilgenfritz. MDB — vereadores: Tracil do Andreatta, Genésio Moreira Elvino Walter, e Eugênio de O Gomes.

SANTO AUGUSTO

Arena: prefeito, Alecride Santana de Moraes; vice-prefeito Flávio Sperotto. Vereadores: Dr Gilberto Goergen, Idilio Santi Assir José Licks, Paulo Martin e Antônio Aosani. MDB — vereadores: Ido Marks Weiller, Daltro Marozo Lorenzon, Irineu Antônio Casarolli e Élbio Afonso Meneguel.

MIRAGUAI

MDB: prefeito, Noedi Rodrigues de Almeida; vice-prefeito, José Barbosa Dias. Vereadores: Orlando Nunes Cavalheiro, Manoel Alves de Sá, Arthur A. quiles Kautelle e Darci Preto da Silva. Arena — vereadores: Leonardo Bonete de Jesus, José Noli Venzo e Vilson Natália Malzle.

CORONEL BICACO

Arena: prefeito, Jacy Luciano de Souza; vice-prefeito, João Fernandes de Araujo. Vereadores: Ivo Barichelo, Manoel Zanela e Irani dos Santos do Amaral. MDB: vereadores: João Venildo Jesus dos Santos, Lino Lori Kerpel, Joaquim Vieira Filho e Daniel Fagundes Diniz.

MUNICÍPIOS

IJUI

FESTA DA UVA EM COLÔNIA SANTO ANTÔNIO

No dia 30 do corrente a Colônia Santo Antônio estará vivendo a sua I Festa da Uva. A comissão organizadora dos festejos está trabalhando em todos os detalhes para que a festividade alcance seus melhores objetivos.

Conforme o programa já elaborado, às 9,00 horas haverá desfile de máquinas agrícolas, seguido de missa na capela São Paulo e churrasco típico ao meio dia, abrilhantado pelo som da Orquestra Municipal "Carlos Gomes".

O resultado financeiro da I Festa da Uva da Colônia Santo Antônio será destinado totalmente para a ampliação do Centro Comunitário da Capela São Paulo, segundo informou à reportagem o festeiro, sr. Ademar Antônio Agostini.

O quadro dos festeiros está assim constituído: festeiro, sr. Ademar Antônio Agostini; festeira, sra. Oracília Conageski; vice-festeiros, sr. Luiz Rosa e Marly Lorenzoni.



REDENTORA

NATAL NA ESCOLA MAJOR FELICIANO

Festividade realizada no dia 26 último na Escola Major Feliciano, localizada no Sítio Casemiro, comemorativa ao Natal, teve como principais beneficiadas as crianças pobres da localidade. A promoção foi do Círculo de Pais e Mestres da referida escola, que é presidido pelo sr. Sadi Fortes, sendo diretor da escola o professor Plauto Correia da Silva.

Foram distribuídos 178 pacotes de presentes para os alunos e crianças pobres, com recursos financeiros da caixa escolar. Um total de 400 pessoas participaram da festa. A foto mostra uma vista parcial da festa, podendo notar-se o entusiasmo principalmente das crianças ante a expectativa dos presentes.



SANTO AUGUSTO

TELEFONES COM MUITA DEMORA

O prefeito Carlos Alberto Castagna esteve há pouco em Porto Alegre tratando de assuntos de interesse do município. Castagna esteve na CRT solici-

tando maior atenção daquela concessionária de serviço público para os problemas de telefonia em Santo Augusto, e principalmente na linha que liga o muni-

cípio a Tres Passos. No entanto, segundo declarou ao regressar, somente obteve promessa na CRT de que só após serem concluídos os trabalhos de telefonia

em Ijuí, a Companhia poderá deslocar operários especializados para melhorar o serviço aqui. Foi prometido também que Santo Augusto será ligado através do

sistema U.H.F., com diversos canais, o que solucionará, definitivamente, o problema existente de escassez de linhas.

A COTRIJUI EM VERSOS

Tempos atrás, parece que em agosto de 1975, publicamos uma poesia sobre a COTRIJUI. Seu título, "Afirmção", e seu autor o conhecido poeta gauchesco Francisco Fiorenzano, que assinava seus trabalhos sob o pseudônimo Chico Gaudério. Nesta edição focalizamos, no mesmo estilo gauchesco, a poesia "Cotrijui", de autoria de Pedro Darci de Oliveira.

COTRIJUI

Pedro Darci de OLIVEIRA

Hoje eu sou "toda" Brasil,
É sou gaúcha por sorte.
Me estiquei do sul ao norte
na imensidão do Rio Grande.
Para índio que se expande,
que não refuga tronqueira,
não tem divisa ou fronteira
que lhe segure a melena.
Sou filha de gente buena,
Nasci na terra vermelha.

E foi na terra vermelha
Que eu firmei o garrão,
eram como vinte irmãos,
minha família e seus filhos,
então os vinte caudilhos
numa reunião por aí,
uma idéia aqui, outra ali,
todas com um só ideal,
foram à pia batismal
pra batizar COTRIJUI.

Cooperativa Tritícola
Regional por pouco tempo.
Mas foi Fogliatto cem por cento
com sua estirpe aragana,
resolveu chamar Serrana
o porque disso não sei,
eu não me preocupei
não entendia de nada,
puseram até limitada
dizem que é coisa da lei.

Aprendi a caminhar
fui fazendo amizades,
umas por necessidade
outras porque amigo é amigo,
já dei jeito num abrigo
em forma de carretão
que chamaram de armazém.
Chamem como lhes convém
como manda o coração.

A cada dia que passava
mais parceiros se chegavam,
seus olhos já enxergavam
um futuro promissor,
pois até Nosso Senhor
com jeito de farroupilha,
desamarrou as rodilhas
do sovêu de doze braços,
pra reunir raça por raça
dentro de uma só família.

Formada a família imensa
fui saindo da cidade,
me alastei barbaridade
graças ao produtor associado,
cresci pra frente, pra o lado
de uma a outra divisa.

Lá em Rio Grande que suavisa
com a marcha lenta das velas
o que vem desde Portela
dando perfume pra brisa.

Outros locais se incorporam
a mim, pela coragem e tato
Santo Augusto, Redentora,
Bicaco, Augusto Pestana,
Ajuricaba, Chiapetta, Tupanciretã
Campo Novo, Humaitá,
São Martinho, Catuêpe, Ijuí,
Três Passos, Braga, Miraguaí,
Esquina Umbu, Vila Jôia, Faxinal
é a área de ação estadual
pra meu orgulho de COTRIJUI.

Mas não paramos só nisso
vou pra o norte do país.
Pra mostrar que sou feliz
entrei Amazônia a dentro,
não sou só do sul, já sou centro,
Lutando barbaridade,
dando apoio a sociedade,
procurando novos ares
são quatrocentos mil hectares,
não é sonho, é realidade.

São dezessis mil colônias
na medida que eu conheço,
mas isso é só o começo
quero alcançar muito mais
cortei em partes iguais
aquela terra bagual,
talvez eu me expliquei mal
neste corte de tesoura,
Duzentos mil pra lavoura,
o resto é reserva florestal.

Outro irmão boleia a perna
sem manha de touro alçado,
não refugando aramado
entra pra estância no mas,
nem estranhou o capataz
pois se sentia solito,
e foi com o primeiro grito
de repente que se dera,
que misturou-se com a serra
às varzeas de Dom Pedrito.

Outro entreveiro se fez
carne, lã, cereais,
agora não para mais
tenho sede de horizontes,
vou procurar novas fontes,
pastar em outros potretos,
erguerei muitos celeiros,
Sou COTRIJUI, varonil,
Rio Grande em todo o Brasil
É Brasil no mundo inteiro

QUEM LEMBRA AINDA DO TERNO DE REIS?

Terno de reis por certo é expressão desconhecida das pessoas com menos de 50 anos. E principalmente aquelas que viveram sempre em cidade grande. Mas quem viveu no interior, especialmente em regiões de predominância luso-espanhola — nosso litoral e campanha — estes devem lembrar com um misto de sentimento e saudade, os bons tempos das festas de reis.

Lá fora gemia a gaita (melhor ainda no tempo da sanfona de oito baixos) e o violão acompanhava, enquanto os cantadores (terno) abriam o peito no tradicional:

Meu senhor dono da casa
Acordai, se estais dormindo.
Venha ver a estrela d'alva
Que bonita está saindo.
Vimos lhe cantar os reis
E também lhe visitar
O de casa, casa santa,
Onde Deus veio habitar.

Durante a primeira semana de janeiro — de 1º a 6 — os ternos de reis alegravam a noite gaúcha, enquanto cumpria-se uma efetividade plena de religiosidade, que vinha dos tempos da colonização lusa. Conforme a tradição popular, as cantigas de reis tem o efeito de saudar o nascimento de Jesus Cristo.

No Rio Grande do Sul, um terno de reis era composto por oito figuras, no mínimo. Compunha-se de sanfoneiros, violeiros, um tamboreiro e cantores.

Meu senhor dono da casa,
Escute com atenção:
Vim saudar Deus Menino,
Com este terno temporão;
Meu senhor dono da casa,
Deus é que lhe guia.
Não podemos vir na véspera
Mas viemos outro dia.

O que mais atrapalhava os ternos era a cachorrada, que além de atrapalhar os

músicos ainda não permitiam que se ouvisse com perfeição as nuances de toda. Famílias que gostavam de ser despertadas alta madrugada pelo ritmo tradicional das reisadas, chegavam a amarrar seus cães longe de casa, para que estes não atrapalhassem a festa.

Na saída, principalmente quando os donos da casa faziam uma boa recepção, o agradecimento em versos:

Agradecemos as ofertas
Que deram de coração.
Quando deste mundo forem,
Os anjos lhe dêem a mão.
Eu agradeço por tudo,
Em nome da Virgem Maria.
Que nesta casa não falte,
O nosso pão de cada dia.

Mas mesmo quando o terno não era atendido em seu pedido a brincadeira continuava alegre, pois, quase sempre, os ternos visitavam casas de amigos.



As festas de Reis faziam a alegria da região desde épocas primitivas. Após os dias de pura religiosidade vivificados a cada ano por ocasião do Natal e Ano Novo, o povo se lançava ao burlesco do canto, da dança e dos manjares. Era comum o comer e beber até os limites da resistência. Esses costumes vieram para o Brasil com os primeiros imigrantes a partir de 1824 quando aqui chegaram os primeiros europeus. A ilustração, intitulada "Festa de Reis" foi desenhada por Jan Steen e data do século XVII.

DETALHES SOBRE O FIM DE SALDANHA DA GAMA

Na edição que circulou em novembro (nº 36), sob o título "A Revolução Federalista e o Almirante Saldanha da Gama", discurremos através de uma síntese sobre a vida daquele oficial marinha, culminando com seu trágico fim no Campo dos Osório. Como era natural, o assunto alcançou repercussão.

Há dias, fomos procurados pelo sr. João José Valença Floresta, nosso associado residente no município de Chiapetta, possuidor de medalha cunhada, ao que parece, em 1908, quando os restos do contra-almirante foram trasladados de Rivera para o Rio de Janeiro. Nessa medalha, que o sr. Valença diz ter encontrado há muitos anos no município de São Borja, consta em relevo a frase "BASTA MISERÁVEL", pronunciada quando Saldanha da Gama morria ferido pela lança da Salvador Tambeiro, no campo da luta. Por essa razão, voltamos ao assunto.

Em fevereiro ou março de 1967, o redator do COTRIJORNAL, na época redator de A PLATÉIA, de Livramento, esteve no Campo Osório observando a área do combate final de 93, que é o que se vê no croquis do

clichê, desenhado por Clovis Silveira de Oliveira. Logo após, já em Porto Alegre, o redator foi advertido pelo próprio Clóvis de Oliveira, que residia próximo a cidade de Viamão talvez o último guerreiro de 1893, o coronel provisório Fulgêncio da Costa Santos. O venerando cidadão (hoje já é falecido) era genitor da sra. Idalina dos Santos Condeau, na época consulesa do Chile na Capital do Estado.

No dia 12 de março de 1967, assinada por RQ, o jornal A PLATÉIA publicou ampla matéria sobre aquele fato, do que aqui publicamos sua parte final.

SALDANHA DA GAMA

"Sobre a morte do contra-almirante, liquidado a lanças pelos irmãos Tambeiro, o coronel Fulgêncio não pôde precisar muita coisa, uma vez que tomou ferido logo após os primeiros arrancos da cavalaria de João Francisco. Com olho esquerdo vasado além de ferimentos disseminados pelo corpo, o então 2º tenente conta que foi dar sinal de vida num hospital uruguaio em Artigas, Departamento litorâneo ao Campo Osório, além do rio Quarai, para onde fora levado por companheiros que puderam

safar-se a nado, às ocultas dos degoladores legalistas. Afirma, no entanto, não ter dúvidas de que o almirante tomou como um autêntico herói, não pedindo clemência aos sanguinários executores, que lhe retalharam o corpo a acutilações e golpes de lança, não lhe respeitando nem mesmo o cadáver.

Sobre o argumento de que o chefe rebelde teria procurado expor-se ao inimigo, diz o coronel Fulgêncio achar possível, visto ser o almirante "homem de muita coragem, honra e brio, para aceitar sobreviver humilhado por um inimigo que desprezava acima de tudo".

CADÁVER INSEPULTO

A propósito do barbarismo verificado no campo da luta posteriormente à vitória dos republicanos e que nosso entrevistado qualifica de "castilhistas" disse o velho federalista: "Os crimes tenebrosos praticados com requintes de sadismo pelos legalistas sob o comando do fanático João Francisco, são prova suficiente de que o almirante Saldanha da Gama lutava por uma causa justa, tentando conter os excessos do Governo".

Conforme o coronel Fulgêncio, "Morto Saldanha a 24 de junho (de 1895), seu cadáver so-

mente viria a ser descoberto a 28 de julho, dentro de um sangão que deságua no Quaraisinho, denominado grotta do Macaco Branco, a mais de mil metros do local onde feriu-se o combate". Tal fato — segundo o coronel Fulgêncio — contradiz aqueles que defendem o argumento de que os legais liquidaram Saldanha sem saberem de quem se tratava. Para o velho federalista, os governamentais levaram para o combate do Campo Osório um plano delineado, que era o extermínio do bravo marinheiro.

Para Fulgêncio da Costa Santos, nonagenário e muito provavelmente o último sobrevivente da Revolução Federalista de 1893, a carnificina que se se-

guiu ao combate identifica a época bárbara em que se verificou e a tentativa de ocultar o corpo prova que a morte do líder federalista foi tramada nos altos gabinetes jacobinistas.

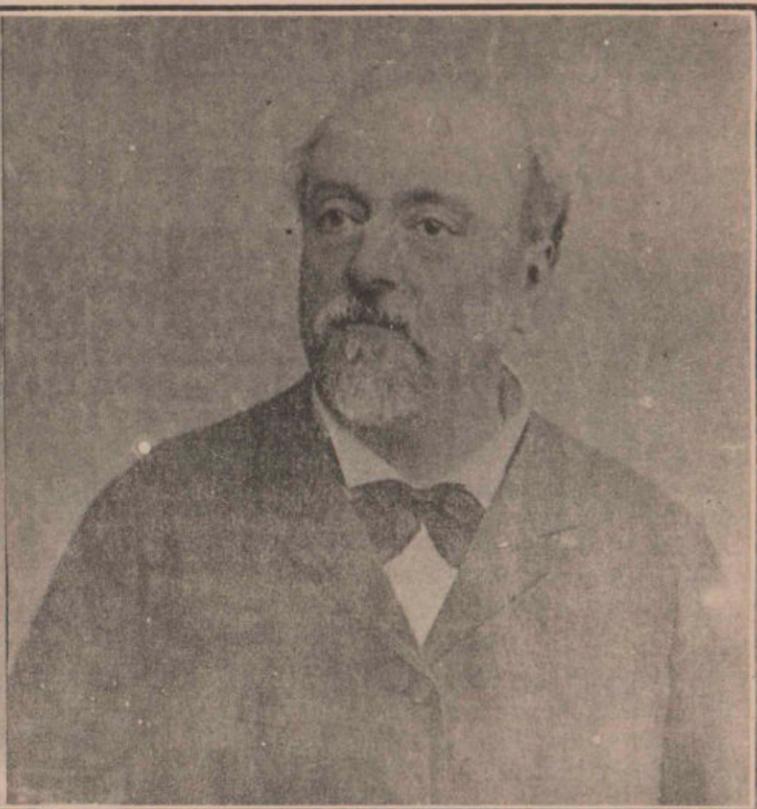
SEPULTADO EM RIVERA

A 12 de agosto, 48 dias portanto, após a morte, foi Luis Felipe Saldanha da Gama sepultado no cemitério departamental de Rivera, sob o carinho e o respeito do povo uruguaio, que viu sempre no almirante um perfeito idealista. A 23 de março de 1908, reabilitado, foram seus restos trasladados para o Rio de Janeiro, onde o Governo mandou construir um túmulo digno do seu nome e glória.



Nesta casa, em Pelotas, foi assinada a paz de 93.





CHABRIER, REI DA ÓPERA PICARESCA

Tão cativante quanto a sua vida, foi a sua música. Todos os biografos apresentam-no como a aparição de um facho luminoso e fantástico; como o arco-íris de um sonho colorido no sub-consciente da luxúria do homem. Sua vida lembra a existência de um saci num sonho de noite estival e primaveril. Brincalhão e bondoso, encarna um conto das Mil e uma noites vivido na barafunda artística e mundana da capital francesa do século XIX.

Pequeno, gorducho, olhos penetrantes, barbicha alourada conservada só no queixo e pêra sob o lábio,

podia ser confundido facilmente com um saltimbanco de circo de subúrbio. Mas quando pegava a batuta para reger, ao comando da orquestra, transformava-se num duende que tudo via, ouvia e sentia; figura onipresente e onisciente, exigia o cumprimento da pauta na escala estabelecida para cada instrumento. E os músicos obedeciam sob pena de Chabrier, após o concerto, cobrar a nota destoante do instrumento, podendo repetir o deslize exatamente como aconteceu, a despeito dos oboês, fagotes, flautas e trompetas que pudessem estar soando no momento.

Qualificado pelos amigos mais íntimos como uma espécie de "Anjo engracado", sobressaiu-se na composição de operetas e dramas de conotação picaresca, de acordo, aliás, com seu temperamento jocoso e de verve hilariante.

Para que se faça ideia de seu espírito jocoso, aludamos a seguir argumentos de duas de suas operetas mais conhecidas na Europa: "L'Étoile" e "Une éducation manquée" (uma educação errada).

L'Étoile se ajustava ao argumento seguinte: Na corte do rei Uff, havia o costume inveterado de oferecer aos deuses, entre múltiplos sacrifícios, que consistia no martírio da empalpação, a vida do pior criminoso do reino, como bode expiatório pelos delitos dos cidadãos. Num ano de escassez de criminoso, o próprio rei

saiu a cata de autor de qualquer delito. Ao esbarrar num vagabundo, o rei teve as vestes sujas de lama. Furioso, ordenou que prendessem o vagabundo como réu de lesa-majestade, para o ritual do sacrifício. Antes, porém, de proceder-se ao sacrifício, era costume ler os horóscopos do rei para ver o destino que os deuses lhe reservavam para o ano seguinte.

Os advinhos entram em ação e descobrem que o rei terá a mesma sorte de um criminoso sentenciado, de nome Lazuli. Averiguado o nome do preso, descobriram que era exatamente Lazuli, a cujo destino estava ligado fatalmente o rei. Diante dessa conjuntura o rei indulta a quase vítima, o cumula de benefícios e honrarias, o mimia com favores e inclusive lhe outorga a própria noiva.

As cenas que se sucedem então é fácil deduzir — são as mais joco-

sas possível, e faziam as delícias do público francês, hávido do bufo e pícaresco.

Não resultava menos cômico e zombeteiro o argumento de Educação errada. Certo jovem tem por mestre um genial professor que tudo lhe ensina no campo das ciências exatas, menos no que se refere ao amor. Resultado: o aplicado aluno casou com a belíssima Helena de la Censaie e, na noite das bodas, não tem a menor ideia de como proceder com a bela esposa. Tanto quanto a opereta precedente, esta faz as platéias da Europa estourar de riso.

Nascido de uma família de juristas, Emmanuel Chabrier veio ao mundo no ano de 1841 e faleceu em 1894, bastante moço, portanto. Mas isso não o impediu de passar para a história como o mais profundo autor pícaresco da ópera ligeira.

POESIA

AS DUAS ROSAS

Almeida GARRETT

Sobre se era mais formosa a vermelha ou branca rosa, ardeu séculos a guerra, em Inglaterra.

Paz entre as duas, jamais! Reinam ambas as rivais, também não; e uma ceder como há de ser?

Faltei eu lá na Inglaterra p'ra acabar com a guerra. Ei-las aqui, bem iguais, mas não rivais.

Atei-as em laço estreito: Que artista fui, com que jeito! E oh! que lindas são, que amores as minhas flores!

Dirão que é cópia — bem sei: que todo inteiro o roubei meu pensamento brilhante do teu semblante...

Será! Mas se é tão belo que lhe dêem esse modelo. Do meu quadro, na verdade, tenho vaidade.

POEMA (MUSICAL) DA FÉ

Segundo JOÃO DO SUL

Creio no Paderewski, criador do Minueto em Sol. Creio em Claude Debussy, gênio de "Clair de Lune".

Creio em Rimsky-Korsakoff, em Bach, Brahms, Tchaikowsky; em Schubert, Strauss, Gluck e na Dança dos Espíritos Abençoados.

Creio em Mozart, Chopin, De Falla, Glinka, Wagner, Gounod; creio em Liszt, Haendel, Borodin e nas Danças Polivitsianas.

Creio em Bizet, Boccherini, Braga, Saint-Saens, Verdi, Massenet; Rachmaninov, Ravel, Villa-Lobos e nas Bacchianas Brasileiras.

Creio em Aguirre, Beethoven, Fauré, Himmel, Taskin, Giroust; Granados, Carlos Gomes, Grieg e na Canção de Solveig.

Creio nos gênios da música, na música criação dos gênios. Através do som, meu espírito devaneia pesquisando Deus.

NÃO ME DEIXES

Gonçalves DIAS

Debruçada nas águas dum regato a flor dizia em vão à corrente, onde bela se mirava... mas não me deixes, não!

Comigo fica ou leva-me contigo dos mares à amplidão; límpido ou turvo, te amarei constante, mas não me deixes não!

E a corrente passava: novas águas após as outras vão; e a flor sempre a dizer, curva na fonte: "ai, não me deixes, não!"

E das águas que fogem incessantes a eterna sucessão dizia sempre a flor, e sempre em balde: "ai, não me deixes, não!"

Por fim desfalecida e a côr murchada, quase a lambar o chão. Buscava inda a corrente a dizer-lhe que não a deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia, leva-a do seu torrão; e a afundar-se dizia a pobrezinha: "não me deixaste, não!"

PENA DE MORTE, PERIGO OU NECESSIDADE?



"O que matar um homem, será punido de morte" (Levítico 24,21). "Se um membro está infeccionado, devemos amputá-lo em favor do todo", São Tomas de Aquino.

No geral, os defensores da pena de morte, ou por ausência de uma inspiração humanística autêntica ou porque vivam ainda na obscuridade dos tempos medievais, não deixam de reeditar os preceitos bíblicos referidos linhas acima.

Pois o bacharel Jorge Krieger de Mello, ao lançar seu livro "Pena de morte - perigo ou necessidade", não foge à regra. Seu livro é um arrazoado de conceitos cujo fim é tentar fazer crer que o criminoso já nasce, independente do meio de sua origem, com a hidra do mal incrustada no coração.

O autor, advogado formado pela Faculdade de Direito de Passo Fundo, parece ter predile-

ção especial pelo sistema de execução popularizado na França de 1789: a guilhotina, tanto que na ilustração de capa de seu livro a imagem principal é o terrível instrumento capital do sr. Joseph Ignace Guillotin, que tanta cabeça (nobre ou plebéia) colocou no cesto da revolução, transformando um movimento de origens puras num fantástico espetáculo de sangue.

Discordo dos defensores da pena capital, principalmente porque estes quase sempre colocam-se na posição de julgarem a partir dos efeitos; sem preocuparem-se com as causas.

A teoria medieval do olho por olho, dente por dente deve cessar, sob pena de marcharmos em regressão até o homem troglodita, na Idade da Pedra Lascada.

O livro do sr. Krieger de Mello leva a essa concepção (Raul Quevedo).

O NAVEGANTE: MORRIS WEST

Um livro que desperta no leitor o espírito de aventura. Talvez não haja; talvez não tenha havido em qualquer época, quem não tenha sonhado alguma vez

com o lugar perfeito para uma fuga das agruras e dos problemas da vida atual. E o lugar seria sem dúvida uma ilha deserta.

O Navegante, de Morris West, conta a história de um grupo de pessoas que justamente encontrou essa canaã, o último dos pontos ainda desconhecidos da Terra.

Gunmar Thorkild, figura central do romance, é um personagem de dimensões heróicas. Descendente de europeus e polinésios, neto de um grande navegador polinésio, resolve provar a existência de uma ilha lendária onde iam morrer os chefes e os grandes navegantes, fato que era contestado pelos seus colegas de Universidade. Nesse ambiente exótico e aventureiro que se desenrola a trama muito bem urdida e tecnicamente executada pelo mesmo autor de As Sandálias do Pescador e O Advogado do Diabo. Edição Record e distribuição SULINA.

OS BEATOS

Talvez o sucesso que este livro do autor italiano Luigi Natoli vem conseguindo na Europa e o interesse que vem despertando se devam, principalmente, ao fato de ele ter escolhido um gênero de literatura há muito desaparecido: o romance de cavalaria.

Registro aos clássicos de Walter Scott, Cervantes e outros, este tipo de leitura foi a tônica de uma época e a leitura obrigatória de algumas gerações. Afinal quem não se sentiu também um pouco herói ao ler as aventuras dos audazes cavaleiros da Távola Redonda?

Pois Luigi Natoli traz de volta o romantismo dos cavaleiros andantes, numa história situada na Sicília do século XVIII, quando o ressurgimento de uma antiga seita de justiceiros, os Beatos Paoli, vem abalar a rígida estrutura de uma nobreza que detinha, à custa do povo, todos os direitos e privilégios.

A figura heróica de Blasco de Castiglione e uma intriga envolvendo a legitimação de um herdeiro a um título de nobreza e a posse da grande fortuna a que este título dá direito são os elementos utilizados pelo autor para armar um intrincado enredo de tramas, injustiças, ódios, mas onde aparecem também, como nos clássicos romances de capa-e-espada, a lealdade e o amor.

Tradução de Remy Gorga Filho e Vera Pedrosa - 380 páginas - Cr\$ 68,00.

O PODER SECRETO DAS PIRÂMIDES

De repente as pirâmides, que constituíam material de estudo quase que exclusivo de arqueólogos e egiptólogos, passaram a ser fonte de interesse geral após as descobertas feitas por estudiosos sobre os efeitos causados pelas mesmas em objetos e pessoas abrigados sob suas paredes. Os efeitos da forma piramidal, a energia desconhecida que emana de seu ápice, ou simplesmente sua perfeição matemática intrigam leigos e estudiosos, desafiando-os a encontrar as necessárias explicações.

Bill Schul e Ed Pettit aceitaram este desafio. Pesquisaram, fizeram inúmeras experiências, buscando decifrar o grande enigma que tinham diante de si: a pirâmide. Fatos espantosos fo-

ram sendo revelados, à medida que prosseguiram em seus estudos.

Sementes e plantas tiveram crescimento acelerado dentro da pirâmide; os alimentos ali colocados preservavam-se por tempo indeterminado; as pessoas que descansavam dentro de réplicas exatas de pirâmides sentiam-se rejuvenescidas e possuíam por enorme sensação de bem-estar físico e mental. Recentemente o assunto atingiu âmbito nacional, quando da apresentação, por uma grande rede de televisão brasileira, dos estudos sobre os estranhos poderes outorgados pela estrutura piramidal. O Poder Secreto das Pirâmides é um livro curioso e inusitado que vale a pena ler. Lançamento da Record, distribuição SULINA.

Tradução de Miécio Araújo Jorge Honkis. 204 páginas - Cr\$ 38,00.

MANUAL DE TAXONOMIA VEGETAL

A Editora Agronômica Ceres, de Piracicaba, estado de São Paulo, editou o Manual de Taxonomia Vegetal, de autoria de Irina Delanova Gemtchujnicov. Além do excelente texto facilmente compreensível, o livro inclui 94 ilustrações a bico de pena, 16 pranchas coloridas,

glossário de termos técnicos e índice alfabético. Tem 368 páginas e está sendo vendido ao preço de 170 cruzeiros.

Pedidos a Livroceres pelo reembolso postal, a Rua Silva Jardim, 1655 - Caixa Postal, 215 - 13.400, Piracicaba, São Paulo.



BISPADO DA BARRA ESTADO DA BAHIA

Recebemos de Dom Orlando Dotti, bispo da Barra, estado da Bahia: Cordiais saudações. A 17 de setembro, por feliz coincidência, encontrei-me no aeroporto de Porto Alegre com o presidente e vice-presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Oscar Drews, este último outrora meu companheiro do conselho fiscal de cooperativa. Naquela oportunidade, o dr. Ruben perguntou-me se eu estava recebendo o COTRIJORNAL. Disse-lhe que não. Respondeu-me o presidente: aguarda, você vai passar a recebê-lo.

Agora, já de posse de dois números do jornal da cooperativa, desejo manifestar por escrito o interesse tomado pelos diretores bem como pelo seu carinho em tão prontamente remeter-me tão excelente órgão de divulgação do espírito e da obra da COTRIJUI.

Sinto-me cada vez mais orgulhoso em ter pertencido aos quadros de seu conselho fiscal e de ter dado algo de mim em favor de tão importante organização. Mais do que dei, recebi. Por isso sou-lhes também agradecido. Com muita estima e gratidão. Orlando Dotti, Bispo de Barra, Bahia.

COMUNIDADE HOLAMBRA ESTADO DE SÃO PAULO

Prezado presidente Ruben Ilgenfritz da Silva. Com prazer recebi o COTRIJORNAL de novembro. Se sente a pujança de sua cooperativa como sentimos no Congresso em Poços de Caldas a dinâmica de sua organização.

Em preparação dos futuros contatos entre nossas cooperativas,

com V. S. e com o professor Mário Osório Marques, do CCECAU, gostaria de receber regularmente o COTRIJORNAL.

Esperamos sua visita nas Holambras, quando aproveitaremos a oportunidade para marcar uma visita a Ijuí. Agradecendo de antemão suas remessas, saudamos-lhe atentamente. Dr. João Litjens.

TRIGO NO VALE DO S. FRANCISCO

Passo Fundo, 1º de dezembro de 1976. Prezado Sr. Quevedo. Li a edição de novembro do COTRIJORNAL e como um dos participantes da reportagem "O trigo no Vale do São Francisco", solicito de V. S. a gentileza de remeter aos meus cuidados, quatro exemplares daquela edição, afim de que eu possa enviar para os colegas nordestinos, que demonstraram bastante interesse na obtenção do seu jornal. Antecipando agradecimentos, eng. Agr. James Pimentel Santos CNP - Trigo - EMBRAPA, Caixa Postal, 569 - 99.100 - Passo Fundo, RS.

SÃO JOÃO DOS PATOS ESTADO DO MARANHÃO

Amigos da COTRIJUI e do COTRIJORNAL: Mil novecentos e setenta e seis está no seu término. Muitas atividades foram executadas neste ano. Quero agradecer aos amigos a remessa do COTRIJORNAL e dizer aos amigos que neste recanto do Brasil onde tudo ainda é difícil a gente se alegra quando recebe um jornal como esse.

Peço atenção para meu novo endereço: Rua Péricles Machado, 505

- 65.665 - São João dos Patos, Maranhão. Ignes Aurora Oltramari, técnica agrícola.

O COTRIJORNAL, UM PEQUENO DICIONÁRIO

A professora Luara Della Mônica, da Secretaria da Educação e Cultura do Estado de São Paulo, também redatora da Folha da Tarde (Grupo Folhas) da capital bandeirante, dando vazas ao seu entusiasmo pelo COTRIJORNAL, voltou a escrever-nos, o que agradecemos, naturalmente sensibilizados, vindo o elogio de quem veio. Laura, que ainda durante o Cultur-Folclore, realizado junto às Ruínas de São Miguel, a convite da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul, proferiu palestra como convidada especial, manifesta sua saudade pelo nosso Estado. Obrigado por tudo, prezada Laura.

A seguir, um resumo de sua carta: "O COTRIJORNAL n.º 37 está um show. Você começa a fazer reserva das páginas para recortar um guardar e quando se dá por conta é o jornal todo.

É demais! Observe! Se quer guardar "Haendel, o gênio", precisa guardar também a máfia no Brasil. Se quer guardar um Brasileiro e inventor... precisa também guardar A árvore reclama... E ainda mais, se guarda ensino, deve guardar também "costumes". Então, o melhor é guardar o jornal todo.

Neste finzinho de ano quero lembrar-lhe que o COTRIJORNAL é mais que um noticiário sobre técnicas rurais. É um glossário com forus de pequeno dicionário. Quem quiser informações deve lê-lo. Muito bem feito, bem coordenado. Paro-

diando a "resistência do jegue", atrevo-me dizer-lhe: mas você tem resistência de jegue...

Um abraço saudoso desse Rio Grande do Sul que cada vez admiro mais.

CULTURA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

Prezado senhor Redator: Permita-me dizer-lhe que achei o COTRIJORNAL interessantíssimo pelo seu conteúdo informativo cheio de novidades úteis ao homem do campo mais progressista e, surpresa, um jornal que inclui, também, ótimas páginas de cultura literária e artística. Enfim, um paradigma de jornal à altura dessa ímpar organização que é a COTRIJUI.

É possível incluir meu nome na lista de remessas? Miguel A. Pons, acadêmico de agronomia da UFSM. Endereço, rua General Osório, 900 - 97.370 - Caçapava do Sul, RS.

OSMAR GOEDEN REIS

Prezado senhor: Valho-me da presente para comunicar meu novo endereço para a remessa do COTRIJORNAL, pelo que antecipo agradecimentos.

Eng. Agr. Osmar Goeden Reis - EMBRATER. SEP/Norte W/3 Q/515. Lote 03 3º andar - 70.000 Brasília, DF.

ROBINSON JORGE PAULITSCH

Prezado senhor: Sou estudante de agronomia e desejo receber o COTRIJORNAL regularmente. Agradecendo antecipadamente, subscrevo-me atentamente. Robinson Jorge Paulitsch, rua dos Andradas, 731 apto. 1101 - 90.000 - Porto Alegre, RS.

CLOVIS KUNTZ DE ALECRIM

Prezado senhor redator: Sou um jovem que adora a cultura que a imprensa transmite. Inclusive coleciono os bons jornais que ficam no meu arquivo cultural. Gostaria de ter também as edições do COTRIJORNAL. Antecipo agradecimentos. Clóvis Kuntz, 98.950 - Alecrim, RS.

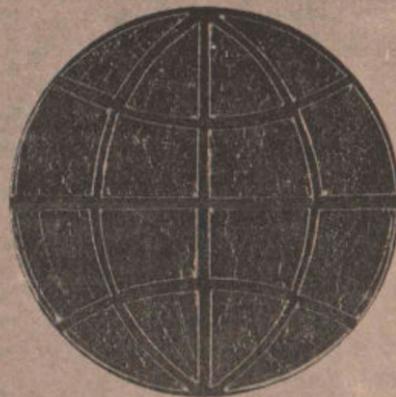
FELICITAÇÕES NATALINAS

Recebemos e agradecemos as felicitações pelo Natal e Ano Novo

das seguintes empresas e amigos:

Fundação Educacional Padre Landell de Moura, Porto Alegre; Ancora Publicidade, Ijuí; Jornal da Manhã e JM Agrícola, Ijuí; Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; Paulo Afonso Frizzo, presidente da FIDENE, Ijuí; Luiz Henrique, da Detroit Diesel Alisson do Brasil; Décio Dupont, presidente do Lions Clube de Ijuí; eng. agr. Emilia Coelho Pereira, Ministério da Agricultura, Brasília; vereador José Henrique da Silva, presidente da Câmara Municipal, Ijuí; Emprol, Porto Alegre; Affonso Dentice da Silva e senhora, chefe de gabinete da Prefeitura Municipal de Pelotas; Assocene, Recife, Pernambuco; diretores da COTAP, de Giruá; jornalista Prudêncio Rocha, diretor do Diário Serrano, de Cruz Alta; jornalista Alberto André, presidente da Associação Rio-grandense de Imprensa; Breno E. Moller, representante da Herbitécnica; Emidio Odósio Perondi, prefeito municipal de Ijuí; Dom Nestor Diaz Quijano e família, Ijuí; professor Mauro Miron, diretor da Escola Municipal "Assis Brasil", de Ijuí; dr. Paulo de Boer e Vânia, Porto Alegre; Sindicato dos Empregados no Comércio de Ijuí, João Franco de Almeida, presidente; Auto Mecânica Sabo Ltda. Ijuí, Hilário Raineski, gerente; deputado federal Augusto Trein e família, Brasília; EMATER-ES, Vitória, Espírito Santo; Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja, Porto Alegre; Ubirajara Mendes Serrão e Jorge Solidonio Serpa, gerente e sub-gerente do Banco do Brasil, em Ijuí; União dos Estudantes de Grau Médio de Ijuí; Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí; jornal Correio Serrano, de Ijuí; Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado de Santa Catarina - FECOA-GRO; Companhia Riograndense de Adubos, CRA; prefeito Erasmo Dias Chiapetta, de São Gabriel. "O Octógono", do Grupo Industrial Santista; Associação dos Comerciantes Aposentados, José Clóvis Ferreira, presidente; COMIGO - Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano; Unidade do Corpo de Bombeiros de Porto Alegre; Gesa, Gráfica Editora Santo Antonio, de Campo Real; Transportes Coletivos Sommer, Ijuí; prefeito Elias Pedro Zogbi, de São José do Norte; Banco Nacional, Revista Nacional, Rio de Janeiro; Cooperativa Agrícola Mista Rondon, do Paraná; Asséclu - Assessoria a Clubes de Empresa, São Paulo; Assessoria de Imprensa da Caterpillar do Brasil S.A., São Paulo.

Frohe Weihnachten ●●●●●●●●
 ●●●●●●●● Feliz Navidad
 Buon Anno ●●●●●●●●
 ●●●●●●●● Joyeux Noël
 Merry Christmas ●●●●●●●●
 ●●●●●●●● BOAS FES





COMA FRUTA O ANO INTEIRO

Amiga dona de casa: aproveite a época da safra de frutas para utilizá-las durante a entressafra, ou seja, o ano todo, tendo assim maiores condições de variar o cardápio, de conservar o valor nutritivo e o sabor das frutas. Dentre muitos, devemos observar alguns cuidados especiais para o preparo, com êxito, de geleias, sucos e conservas de frutas: utilizar vidros limpos e esterilizados (fervidos em água limpa); tampas e borrachas deverão igualmente serem bem limpas e fervidas.

Outro detalhe importante: para o banho-maria, utilizar panelão que dê para colocar os vidros por inteiro dentro d'água, de modo que um não encoste no outro e nem mesmo nas bordas do caldeirão, permitindo livre circulação da água. Logo que abrir fervura, marque no relógio o início da mesma, tampando em seguida o panelão. Esgotado o tempo de fervura (indicado para cada alimento), tire imediatamente os vidros do caldeirão e coloque-os sobre um pano seco onde não haja corrente de ar. Não aperte a rosca depois de ti-

rar do caldeirão. Quando estiverem frios, é que você irá verificar se ficaram bem fechados. No caso do vidro não estar bem vedado, use logo as frutas que contém. Observe sempre os alimentos conservados durante três dias, para verificar se estão perfeitos, antes de guardá-los.

VAMOS FAZER CONSERVAS

Ameixa: fure as cascas em alguns lugares; ferva durante três minutos em calda média. Coloque as frutas nos vidros, cobrindo com a calda. Limpe e seque bem as bordas dos vidros, feche com as tampas esterilizadas e leve ao banho-maria durante vinte minutos.

Figos: ferva-os por dois minutos; raspe a pele dos figos e com a água faça uma calda grossa. Ferva 5 minutos na calda. Coloque frutas e calda nos vidros e leve ao banho-maria por 30 minutos.

Maçã: Descasque, corte ao meio e retire as sementes. Ferva durante 3 a 5 minutos em calda média, coloque as maçãs nos vidros com a calda e leve ao banho-maria por 20 minutos.

Pera: mesmo procedimen-

to da maçã. Banho-maria por 25 minutos.

Pêssego: Idem maçã. Banho-maria por 20 minutos.

Goiaba: descasque as frutas, parta-as ao meio e retire o miolo. Ferva de 5 a 10 minutos em calda média, coloque no vidro e leve ao banho-maria por 25 minutos.

PREPARO DE SUCO DE FRUTA

A fabricação caseira de suco de frutas requer quatro operações básicas: escolha e limpeza das frutas, lavagem, engarrafamento e pasteurização das frutas.

Deve se escolher frutas maduras porque assim o suco conterá o máximo de açúcar e suas propriedades organolépticas (aroma e valor nutritivo) não serão alteradas. De igual modo, lavar bem as frutas, retirando cabos, casca e sementes. O passo seguinte será o da extração do suco. Corta-se as frutas em fatias e extrai-se o suco por esmagamento ou prensagem, tendo o cuidado para não utilizar objetos de ferro ou de zinco que provocam a perda de vitamina C além de escurecer o líquido. Para facilitar a extração de suco de frutas fortemente coloridas, como a uva, devemos aquecê-las durante alguns minutos e esmagá-las ainda quentes. Depois passar o líquido num coador de flanela.

Após coado o suco, este será engarrafado em vasilhame lavado e esterilizado em água fervente. Os sucos podem ser adicionados de um pouco de açúcar, com exceção do suco de uva. Finalmente a pasteurização, ou banho-maria, que é a etapa mais importante para a conservação do suco. Usa-se o processo de banho-maria a uma temperatura de 80 a 85 graus centígrados, durante 30 minutos.

SUCO DE UVA

Escolher uvas maduras, lavar e retirar os cabos. Levar ao fogo até o ponto de fervura. Escorrer em peneira de taquara, coar e engarrafar. Ferver em banho-maria por 20 minutos.

SUCO DE TOMATE

Escolher tomates firmes e maduros, lavar bem, retirar os cabos e cortá-los em quatro (não é necessário descascar). Cozinhe em fogo lento por dez minutos ou até ficar bem macio, usando panela de alumínio ou esmaltada. Mexa com uma colher de pau para que não grudem no fundo da panela. Passe em peneira inoxidável ou de taquara e encha os vidros, que já deverão estar esterilizados e aquecidos. Adicione em cada litro de suco, uma colher (de chá) de sal. Ferva em banho-maria por 10 minutos. Observe as garrafas por três dias, e se estiver tudo em ordem, guarde em lugar fresco, escuro e seco.

CORTE E COSTURA NA PONTE DO IJUIZINHO

O grupo de senhoras e filhas de associados da COTRIJUI da Ponte do Ijuizinho, interior do município de Augusto Pestana, sob a orientação da professora Noemi Huth, concluiu a 21 de dezembro um curso de Corte e Costura.

Fizeram-se presentes ao ato de entrega dos certificados, além de familiares das cursandas, o gerente da COTRIJUI-unidade de Augusto Pestana, sr. Luiz Mariotti; o presidente do STR daquele município, sr. Bruno Vander Sand; o presidente e a secretária do IEP - Instituto de Estudos Permanentes da FIDENE, respectivamente professores Otávio Steffens e Zenir Steffens, bem como a ministrante das 60 horas/aula, professora Noemi.

Receberam certificados as concluintes: Hedi Schneider, Liane Jantsch, Alzira Klaus, Lori Hettwer, Cledi M. Borgmann, Nelci Arnold, Lilli Kogler, Neiva Terezinha Spiss, Salete Fátima Bottura, Silca Wathier, Dolores Drews Heuser, Ermelinda Libardi, Loiva Kogler, Anila Helma Kogler, Lenir T. Wathier, Loiva B. Schneider, Marlise Borgmann, Livina Ropke, Ivone Schmitt, Nelvia Hettwer, Edi Kogler, Norma Irma Frühling, Elize Maria Maroski, Noemia Beiyer, Olivia Bolfe, Alzira Miorança Libardi, Wanda Maroski, Carmem Arenhart e Nelly Lampert.

Todo dinheiro
que você guarda na
Caderneta Apesul de Poupança
é garantido
uma, duas, três vezes.

1
23

Garantido pelo
patrimônio da própria
Caderneta Apesul
de Poupança.

Garantido pela hipoteca
dos imóveis financiados
com os fundos
depositados em
Caderneta de Poupança.

Garantido pelo Governo
Federal, através do
Banco Nacional da
Habitação.



Caderneta APESUL de Poupança
3 vezes garantida.

OCB NEGA PECHA DE GIGANTISMO ASSACADO CONTRA COOPERATIVAS

A Organização das Cooperativas Brasileiras, órgão técnico-consultivo do Governo e de representação do sistema cooperativista, recebeu a nota acusatória de "gigantismo" imposto ao sistema pela Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul a princípio com reserva e em seguida com inusitada estranheza.

É o que diz seu diretor-executivo, José de Campos Melo, em correspondência ao COTRIJORNAL, acompanhada de recortes de jornais de Brasília (JORNAL DE BRASÍLIA), edição de 18-12-76), onde dá amplos esclarecimentos e nega taxativamente as acusações da classe dos comerciantes. No espaço a seguir damos um resumo do pronunciamento do sr. José de Campos Melo.

"A Organização das Cooperativas Brasileiras recebeu a notícia da federação gaúcha com a maior estranheza, tendo em vista a sua absoluta falta de sua adequação à realidade e de completa impossibilidade de serem atendidas tão extravagantes reivindicações.

Não havendo condições, em simples nota de jornal, de refutar devidamente todas as incríveis alegações contidas no documento assinalado, cumpre-nos repudiá-lo em seu conjunto, por não conter qualquer coisa de verdadeiro, a não ser um incontido desejo de que o cooperativismo se constitua em mera força auxiliar do comércio, despertando áreas ainda economicamente pobres para, depois de fortalecidas, entregá-las ao comércio, retirando as cooperativas dos setores mais propícios aos bons negócios. No entanto, de forma sucinta, serão mostradas as impropriedades do documento que, estamos certos, não contará com a solidariedade das demais Associações e Federações do Comércio do país, por ser inconcebível a aceitação de que o setor privado mercantil pretende abrir luta contra o cooperativismo, acionando todos os recursos e se empenhado com toda a sua enorme força para o massacre de um movimento econômico de nítido cunho social, que desfruta de especial simpatia do povo brasileiro e que merece e deverá continuar merecendo do Governo apoio e estímulo. Primeiramente, é de se ressaltar que a Constituição Federal, no título dedicado à Ordem Econômica e Social, garante a liberdade de iniciativa, a função social da propriedade, a harmonia e solidariedade entre as categorias sociais de produção, a repressão ao abuso do poder econômico, caracterizado pelo domínio dos mercados, a eliminação da concorrência e o aumento arbitrário dos lucros. A simples menção de dispositivos constitucionais vigentes evidencia que nem as

sociedades mercantis, nem as cooperativas têm condições legais para pleitearem a recíproca limitação de iniciativas no campo econômico. Cada tipo societário, seja empresa mercantil, seja empresa cooperativa, disputará o mercado, de acordo com as regras legais, sob pena de ficar caracterizado o desrespeito às normas constitucionais em vigor. As cooperativas não têm condições, dentro da legislação brasileira, de exercer atividades monopolísticas. Seus quadros sociais estão permanentemente abertos à adesão voluntária de todos quantos queiram a elas filiar-se, salvo incapacidade momentânea de prestação de serviços.

É conhecida a existência de milhares de associados em cooperativas de produção, que, além de produtores rurais, exercem atividades industriais e mercantis. São, na verdade, inúmeros os comerciantes que, possuindo propriedades rurais, ingressam nas cooperativas para a melhor comercialização de seus produtos rurais. A área de admissão de associados está limitada às possibilidades de reunião, controle, operações e prestação de serviços. No mundo moderno, com a crescente e notável facilidade de comunicações, esta área de admissão de associados vai se estendendo cada vez mais, sem trazer qualquer tipo de dificuldades para a boa administração da sociedade. E, quando isso ocorrer, as cooperativas podem usar do sistema de integração, por meio de centrais, federações e confederações. Quanto à comercialização dos produtos recebidos de seus associados, a área de ação, evidentemente, não tem, nem pode ter limites. A cooperativa, seja singular, seja de segundo ou terceiro grau, tem a faculdade de comerciar seus produtos em qualquer lugar do território nacional ou do estrangeiro, observados os regulamentos em vigor. O Governo Federal vem incentivando a fusão e a incorporação de empresas mercantis, visando a economia de custos, melhorando suas condições de

competição nos mercados interno e internacional e, principalmente, à contenção do processo inflacionário. O cooperativismo não poderia fugir à regra. Ou se integra ou desaparece. O congresso internacional realizado em Viena, em 1966, pela Aliança Cooperativa Internacional, órgão máximo de representação do cooperativismo mundial, houve por bem reformular os princípios cooperativistas, inserindo a integração como princípio básico, dando-lhe ênfase especial. No mundo moderno em que as empresas multinacionais se agigantam cada vez mais, seria suicida a aceitação de tão incrível proposta, qual seja a de proibição da integração cooperativa. Esta integração não constitui apenas um direito, mas precisa ser considerada dever imposto às cooperativas que pretendem melhorar a prestação de serviços aos seus associados.

Limitar o campo de atuação das cooperativas agropecuárias é trazer-lhes uma dependência inadmissível. As cooperativas não só podem como devem ser mistas, apresentando mais de um objeto de atividades, conforme consubstanciado em nossa legislação e de acordo com o ponto de vista dos melhores conhecedores do assunto. Os produtores rurais deverão receber os insumos por intermédio de sua cooperativa, que procurará adquiri-los em melhores condições de qualidade e preço. Além disso, podem e devem ter à disposição de seus associados tudo que eles possam e queiram adquirir.

As cooperativas, via de regra, operam apenas com seus associados. No entanto, a lei brasileira seguindo orientação de legislação de diversos países, houve por bem dar uma pequena abertura aos negócios com terceiros, os quais, além de limitados por Resolução do Conselho Nacional de Cooperativismo, estão sujeitos ao pagamento total do imposto de renda.

As cooperativas de consumo ainda não demonstraram sua potencialidade. No momento são muito frágeis e o seu campo de atuação tem sido limitadíssimo, não chegando a constituir concorrência ao comércio. Assim, no que tange ao pagamento dos impostos, as cooperativas agropecuárias, que são aquelas que mais estão preocupando a Federação do Comércio do Rio Grande do Sul, recolhem a totalidade do imposto gerado, sem o menor incentivo, sem o menor desconto, sem um centavo de sonegação, o mesmo acontecendo com a contribuição relativa ao Fundo Rural. A Organização das Cooperativas Brasileiras não tem conhecimento de sonegação

de impostos por parte das cooperativas agropecuárias do Rio Grande do Sul, de tão notável desempenho a bem do desenvolvimento do país, como também não conhece casos de sonegação efetuadas por cooperativas de outras unidades federativas. Embora reconhecendo a existência de comerciantes e mercantis que não praticam sonegação, é evidente e não constitui impertinência a alegação de que é notória a existência de um movimento muito grande de mercadorias sem o recolhimento dos impostos devidos.

Não é de menor valor o fato de que as mercadorias exportadas por meio das cooperativas não sofrem processos de sub-faturamento, com efeitos perniciosos para o balanço de pagamentos, o que acontece no Brasil e em quase todos os países.

A empresa mercantil deve propugnar sempre pela livre concorrência, motivo porque estranhemos a aflição demonstrada pela mencionada Federação. A contradição é analisada por grande economista americano. Segundo Paul Samuelson, no seu clássico Curso de Economia Moderna, "a concorrência agrada

e desagrade ao empresário, segundo as condições. É agradável quando lhe permite aumentar seu mercado. No entanto, se as coisas não correm a seu favor e o comerciante se apressa em chamá-la protecionista, injusta ou prejudicial. Por isso, enquanto que em certas ocasiões, trata de utilizar a arma de concorrência para eliminar seus rivais e cria um monopólio, outras vezes colabora na formação de associações comerciais para limitar os efeitos de determinada concorrência."

O cooperativismo, com suas portas permanentemente abertas a todos quantos pretendem nele ingressar, não é monopolista e só visa a melhor distribuição de renda, evitando que seus associados sejam vítimas de comercialização inadequada aos seus supremos interesses. Com o princípio de indivisibilidade das reservas, que não pertencerão jamais aos associados, é o único sistema econômico que, sob esse aspecto, socializa os lucros, colocando-os a serviço não só dos associados atuais, como de todos quantos, no futuro, queiram associar-se às cooperativas, inclusive os comerciantes nos casos em que a lei faculta a filiação.

O mais importante de um seguro é a certeza de que ele nunca vai falhar. A União faz um seguro tranquilo. Pergunte ao seu corretor.

Quando você faz um seguro, quer, em primeiro lugar, ter a certeza de que este seguro nunca vai falhar. A Companhia União de Seguros Gerais lhe proporciona isto, pelo mesmo motivo que tem cumprido seus compromissos durante 85 anos: solidez.

Deixe a União cuidar de sua segurança e fique realmente tranquilo. Chame a Corretora de sua Cooperativa. Ela estudará a fórmula perfeita para sua necessidade.



Cia. UNIÃO de Seguros Gerais

85 anos de Segurança
Matriz: Porto Alegre
Empresa do Grupo Banrisul





Campo de milheto (pasto italiano) no Centro de Treinamento COTRIJUI em Augusto Pestana.

MILHETO COMUM (Pasto Italiano) DÁ MAIS CARNE

Eng. Agr. Renato Borges de MEDEIROS

O milheto comum também é conhecido com os nomes de pasto italiano, penicilária e capim charuto. No Rio Grande do Sul o seu primeiro cultivo foi conduzido na Estação Zootécnica de Montenegro em 1929, por Araujo¹.

É uma forrageira anual de estação quente. Embora tenha um crescimento inicial mais lento do que os sorgos forrageiros ele apresenta uma melhor distribuição da produção de forragem ao longo da estação de crescimento. Nas condições do

Estado geralmente apresenta um período de produção que vai de novembro a maio.

Como os sorgos forrageiros apresenta um grande afilhamento, sendo que o inicial (antes do 1º corte) é mais intenso. Este comportamento caracteriza o milheto como uma planta de hábito inicial quase prostrado. Isto explica porque o milheto apresenta um crescimento inicial mais lento e conseqüentemente vai permitir o primeiro corte ou pastejo, geralmente 10 dias após os sorgos. O milheto apresenta

um bom desempenho produtivo em altas temperaturas e tolera quase todos os tipos de solo. Não apresenta problemas de toxicidade aos animais e, até o presente momento não tem sido constatada a presença de doenças.

Na maioria das regiões fisiográficas do Rio Grande do Sul, sob condições de pastejo ou em colheitas para ensilagem, os milhetos têm apresentado melhor comportamento produtivo do que os sorgos forrageiros. 2, 3 e 4. Isto se reflete tanto na quan-

tidade como na qualidade da forragem produzida. Esta tendência só não é válida para as condições de clima e solo semelhantes a Vacaria, onde os sorgos têm sido superiores. 2 e 3. Além da utilização direta pelos animais a forragem do milheto pode ser conservada como feno ou silagem.

Pelas razões apresentadas o milheto vem se constituindo numa forrageira de extrema importância na alimentação do gado. Face a isto e considerando que o milheto se encontra em plena utilização ainda é oportuno falar sobre o seu estabelecimento e manejo.

Com relação a densidade de sementes tem sido observado que dentro de uma determinada amplitude os rendimentos da forragem permanecem inalteradas.

Em Guaíba (RS), milheto comum semeado em linhas afastadas de 30 cm com densidades entre 2,5 a 10 kg/ha, não apresentou diferenças no rendimento total de forragem seca obtida de 4 cortes 5. Entretanto foi observado que a qualidade da forragem tendeu a melhorar com o aumento da densidade. Isto deve-se ao fato de que a um maior

número de plantas está associado uma maior porcentagem de folhas em relação aos caules. Em decorrência disto e considerando o pequeno tamanho das sementes, quando a área se destina a pastejo ou feno, recomenda-se densidade em torno de 15 kg/ha de sementes fiscalizadas (germinação mínima de 60% e pureza mínima de 95%). Quando o objetivo for a obtenção de silagem a densidade pode ser reduzida para 10 kg/ha.

O uso do espaçamento de 30 cm entre linhas em semeaduras de milheto para pastejo vem sendo bastante recomendado. Isto deve-se ao fato de que diversos autores já obtiveram maiores rendimentos de forragem usando um espaçamento ao redor de 30 cm. A profundidade de semeadura, embora pareça pouco importante, tem sido motivo de muitos insucessos. Na maioria das vezes o problema da baixa germinação é devido a má distribuição das sementes que, geralmente, são colocadas numa profundidade exagerada. É necessário considerar que as sementes do milheto, além de serem de pequeno tamanho, apresentam pouca dura-

MILHETO COMUM DÁ MAIS CARNE

bilidade após colocadas no solo. Por isso a distribuição das sementes deve ser uniforme e a uma profundidade média de 1,5 cm.

A semeadura pode ser realizada a partir de 15 de setembro, podendo se estender até janeiro. Em trabalhos conduzidos em Guaíba foi observado que, semeaduras realizadas de 22/10 a 20/12 com milheto comum, não houve diferença no rendimento de forragem seca.⁶ A adubação de manutenção mais recomendada tem sido 300 kg/ha da fórmula 10-20-10 ou o equivalente a 30 kg/ha de N, 60 kg/ha de P₂O₅ 30 kg/ha de K₂O.

Um bom estabelecimento pouco significa em termos de rendimento de forragem se a utilização do milheto não for conduzida de acordo com as recomendações técnicas. Na utilização do milheto, assim como das demais forrageiras, a altura, frequência de cortes e o estágio das plantas são fatores que afetam substancialmente o comportamento produtivo das plantas. Para cada espécie ou consorciação forrageira existe melhor combinação destes fatores e, que principalmente para as forrageiras anuais devem ser observados concomitantemente. A rapidez e o vigor do rebrote dependem, entre outros fatores, da altura de corte ou de pastejo. Para milheto, o resultado da maioria dos trabalhos sugerem que uma altura em torno de 10 cm acima do nível do solo permite um excelente rebrote às plantas. Esta altura se torna extremamente importante quando o milheto é utilizado diretamente pelos animais. Em trabalhos conduzidos em Guaíba, de 1971 a 1972, o maior rendimento de forragem de milheto comum foi obtido com altura de corte de 10 cm, para média de épocas de semeadura e estádios de crescimento.⁶ De um modo geral os resultados de pesquisas demonstram que os maiores rendimentos de forragem com milheto são obtidos em cortes realizados em pleno florescimento. Esta informação é importante, especialmente quando são estabelecidas áreas para ensilar. Mas como para o Estado o milheto tem maior expressão como forrageira para pastejo, é interessante que ele seja manejado de maneira a se obter forragem disponível durante o maior período possível. Isto é mais importante ainda para as regiões do Planalto Médio e Missões, onde o milheto, pela disponibilidade de sementes de boa qualidade e pela facilidade como é estabelecido,

vem se constituindo numa alternativa forrageira essencial para a viabilidade econômica dos programas de engorde e leite que vem sendo dinamizados. Por estas razões tem sido preconizada a utilização do milheto em sistema rotativo, sendo que o primeiro pastejo deve ocorrer com as plantas ainda em estágio vegetativo, o que normalmente ocorre aos 50 dias após a semeadura e com as plantas a uma altura média de 60 cm. À medida em que vão sendo realizados os cortes as plantas tendem a passar com mais rapidez do estágio vegetativo para o estágio florescimento. Por isto, do segundo corte em diante, o produtor deve colocar os animais quando as plantas estiverem com altura inferior a do primeiro pastejo ou corte. Entretanto no último corte o produtor deve deixar as plantas alcançarem estádios mais avançados (florescimento pleno) para que o rendimento máximo de forragem seja obtido. A frequência de cortes (intervalo de dias entre cada corte) vai depender da altura de corte, do estágio de desenvolvimento das plantas, da fertilidade e das condições climáticas durante o período de produção. Para o manejo preconizado ou seja, pastejos ou cortes a uma altura de 10 cm do nível do solo no estágio vegetativo, em média, pode ser realizado um corte a cada 25 dias.

Geralmente com esta frequência, durante o período de produção (novembro a maio), podem ser realizados de 5 a 6 cortes ou pastejos. A qualidade da forragem produzida geralmente decresce do primeiro para o último corte.

Todos os cuidados de manejo até aqui discutidos devem ser complementados por adubações de cobertura com fertilizantes nitrogenados. De uma maneira geral os trabalhos experimentais evidenciam resposta crescente do nitrogênio aplicado sobre o rendimento e a qualidade da forragem de gramíneas. Isto é igualmente válido para o milheto. Em Guaíba a aplicação de nitrogênio proporcionou aumentos no rendimento de forragem seca de milheto comum até a dose de 293 kg/ha de nitrogênio, o equivalente a 652 kg/ha de uréia 5. Embora esta alta resposta, em termos práticos, para milheto em utilização com animais recomenda-se uma aplicação em torno de 50 kg/ha de uréia após os três primeiros pastejos, totalizando 150 kg/ha/ano. Geralmente num manejo bem conduzido pode ser alcançado uma lotação média, de

novembro a maio, acima de 4 cabeças/ha e um ganho individual em torno de 400 g/dia.

De acordo com as recomendações preconizadas é imprescindível que o produtor disponha de cerca elétrica para a correta utilização do milheto. Nos próximos anos a pesquisa deverá estudar os efeitos do pastejo contínuo controlado, que talvez poderá ser facilmente aplicado nas propriedades maiores, onde a mão-de-obra é fator mais limitante. Também os efeitos da associação de milheto com leguminosas anuais, ou até mesmo a semeadura direta de milheto em áreas pouco produtivas serão estudadas.

Se os produtores utilizarem o milheto observando as recomendações técnicas aqui preconizadas, terão todas as condi-

ções de obter rendimentos máximos de carne ou leite/ha.

Bibliografia:

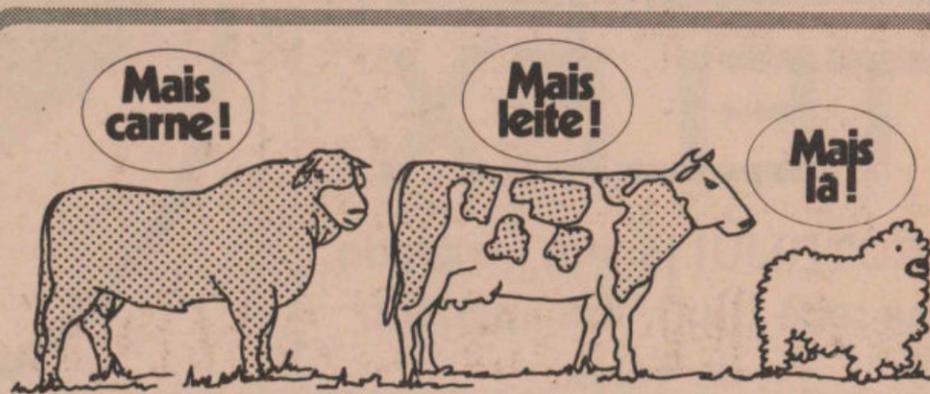
- (1) Araújo, A.A. - Melhoramento das Pastagens. Ed. Sulina, Porto Alegre, 1975.
- (2) Silva, V.P.S. e outros - Competição entre sorgos e milhetos para pastejo em Tupanciretã e Vacaria, em 1973/74. Anuário Técnico. Instituto de Pesquisas Zootécnicas. Secretaria da Agricultura, Porto Alegre. (2): 301-310, março de 1975.
- (3) Silva, V.P.S. e outros - Competição entre sorgos, milhos e milhetos para silagem, realizado em Vacaria, Tupanciretã e São Gabriel, em 1973/74. Anuário Técnico. Instituto de Pesquisas Zootécnicas. Secretaria da Agricultura, Porto Alegre. (2): 311/20. março de 1975.

(4) Saibro, J.C. e outros - Competição entre variedades e híbridos de sorgos e milhetos forrageiros para pastejo. Relatório de Pesquisas do setor de plantas forrageiras, 1965/72. Faculdade de Agronomia, UFRGS, 1972.

(5) Medeiros, R.B. e outros - Efeito do nitrogênio e da população de plantas sobre o rendimento de matéria seca, teor e produção de proteína bruta de sorgo e milheto forrageiro. Tese de mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 1972.

(6) Westphalen, S. L. e Jacques, A.V.A. - Efeito de época de semeadura, estágio de crescimento e altura de corte na produção e matéria seca em um cultivo precoce de milheto "Perola". Xª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia, UFRGS, Porto Alegre, 1973, pág. 388/89.

HIPERFOSFATO[®] assume a responsabilidade



HIPERFOSFATO GARANTE SUA EFICIÊNCIA:

- * É absolutamente natural, não sofrendo qualquer processo químico. Favorece a vida do solo, por ser de origem orgânica.
- * É um fertilizante de ação imediata, duradoura e total que pode ser aplicado em qualquer época do ano.
- * Assegura pastagem mais rica em fósforo e cálcio.
- * Garante um alto nível de fertilização durante todo o ciclo vegetativo das culturas. Proporciona maior rendimento por hectare.
- * Em pó ou microgranulado.

HIPERFOSFATO É UM SÓ. É CRA.

companhia riograndense de adubos
Porto Alegre/Rio Grande/Passo Fundo/Curitiba/Paranaguá



PECUÁRIA LEITEIRA: RELAÇÃO DO TÉCNICO COM O PRODUTOR

Med. Vet. Otalíz de Vargas MONTARDO

O sistema de produção rural vigente nesta região nos últimos anos, resultante de uma conjuntura econômica substancialmente dirigida para a produção agrícola, levou a pecuária leiteira — que já foi significativa em termos regionais — a uma situação de retrocesso. A crescente valorização das safras agrícolas e a desorganização do processo de comercialização do leite, determinaram uma acentuada redução quantitativa e qualitativa no rebanho leiteiro existente. Estabeleceu-se então o círculo vicioso representado pela baixa produtividade, pequenos retornos econômicos e inviabilidade de investimentos no setor. Estas circunstâncias levaram o plantel leiteiro a ocupar um espaço físico cada vez mais limitado, o que, aliado ao desestímulo do criador, tornou impraticável qualquer programa de assistência técnica efetiva.

Excetuando-se os serviços oficiais de profilaxia como o combate a febre aftosa e a brucelose em menor escala e ainda um programa de crédito rural orientado, realizado pela ASCAR, o contato entre o produtor leiteiro e o técnico é esporádico e quando ocorre tem por finalidade a busca de soluções imediatas para problemas isolados. Este tipo de relação técnico-produtor é absolutamente improdutivo se entendermos assistência técnica como um instrumento melhorador, que através da racionalização de métodos busca o aumento da produtividade.

A criação da Cooperativa Central Gaúcha de Leite deverá promover uma profunda alteração no quadro atual da pecuária leiteira regional. A garantia da industrialização e comercialização através da CCGL representará um poderoso es-

tímulo ao produtor rural que terá na exploração leiteira mais uma opção de renda. No entanto, é oportuno recordar que a eficiência de uma indústria depende da sua capacidade de conquistar mercados e estes são conquistados através da oferta de produtos de qualidade e pela garantia de um abastecimento regular. Aqui começa a grande responsabilidade de produtor rural e dos órgãos de assistência técnica, que juntos deverão conduzir a exploração leiteira de modo a obter uma

produção compatível com as novas exigências.

Esta região está dotada de uma estrutura técnica invejável. A COTRIJUI dispõe de equipe de médicos-veterinários, setor de forrageiras, serviço de inseminação artificial e fábrica de ração para bovinos. No setor oficial a região conta com Inspetorias Veterinárias e Zootécnica, Instituto de Pesquisas Veterinárias (laboratório) e ASCAR. Toda esta estrutura deverá ser utilizada em função da pecuária leiteira. No entanto isto de-

ve ser feito através de uma programação adequada, visando um aproveitamento ordenado dos recursos técnicos disponíveis. Aos produtores leiteiros que se habilitarem ao programa de assistência técnica, caberá a responsabilidade de se adequarem às exigências do programa, seguindo a orientação prescrita pelos técnicos. A mobilização dos recursos técnicos precisa ter uma resposta positiva de parte dos produtores. Não há mais tempo para atuações isoladas e dispersivas.

TELEX

A COTRIJUI já tem instalado, na sede (Ijuí), um aparelho de Telex.

Decore o número!

0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199



adubos
pampa s.a.
o verde da terra
CANOAS

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas Caçula Ltda.
R. 15 de Novembro, 448 — IJUI — RS.

PERSPECTIVAS SÃO BOAS PARA A NOGUEIRA PECAN

A noqueira pecan poderá se transformar num excelente negócio para os agricultores da região, desempenhando uma atividade paralela de ganho certo e seguro.

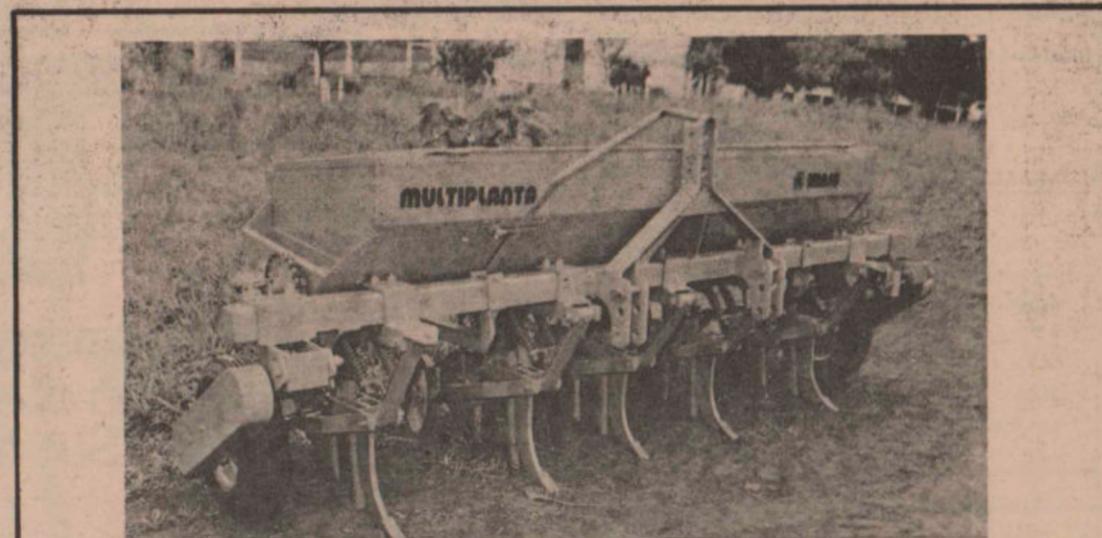
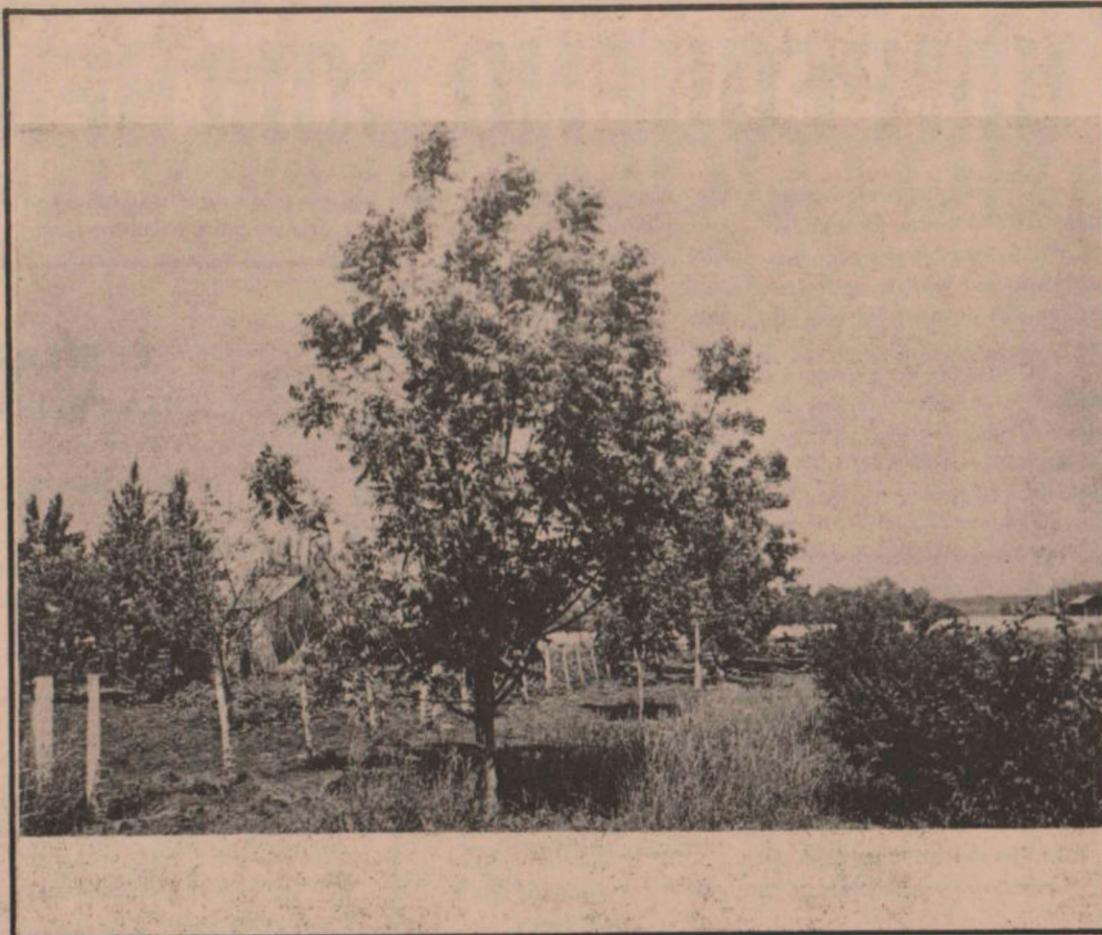
As terras de nossa região podem ser qualificadas de ótimas para o cultivo da noqueira pecan. Além de ótimas do ponto-de-vista de adaptação e produtividade da noz, estas árvores, após adultas, vão representar um excelente fator de retenção dos solos, diminuindo a erosão que em determinadas regiões chegam a se transformar em verdadeiro flagelo ecológico. É importante ressaltar o fator ecológico em vista do plantio da pecan dar-se preferentemente em terrenos de topografia dobrada, onde é impraticável a agricultura tradicional, e principalmente a mecanizada.

Como a garantia de mercado, dois fatores são suficientes para mostrar a sua tendência favorável. Em primeiro lugar, a atual incapacidade mundial de suprir um mercado que está em crescente procura, do qual

até mesmo o Brasil é grande importador. E em segundo lugar, a cômoda posição do Brasil como produtor, pois colhe a sua produção na entre-safra da colheita norte-americana — o maior produtor do mundo — podendo esperar os melhores preços do mercado mundial.

A Pecan começa a produzir em bases compensadoras somente no sétimo ano. Em compensação, é uma planta perene. Mas para compensar esse período inicial do investimento, existem consorciações agrícolas que podem ser feitas nas entre linhas. Em cada caso, os técnicos podem indicar cultivos excelentes, fazendo que um noqueiral jovem pague-se a si mesmo pelo uso racional das entre-linhas.

Nesta época em que se fala tanto em preservação ecológica, nada melhor e mais lucrativo do que cultivar essa fruta. Com noqueira pecan nós garantimos a fixação do solo, regulamos o meio ambiente, embelezamos a paisagem e ainda ganhamos dinheiro. Vamos plantar pecan?



Já está no mercado nacional e com grande sucesso a MULTIPLANTA IMASA. MULTIPLANTA IMASA, apresenta 3 opções para sulcar o solo, de acordo com as variações do mesmo: DISCOS HORIZONTAIS com menor diâmetro, com revolvimento de terra localizado. Sistema de sulcadores (PÉ-DE-PATO) conforme foto, para abertura do sulco em maior profundidade e DISCOS VERTICAIS, para terrenos com incidência de raízes e pedregulhos. E com a MULTIPLANTA IMASA, os agricultores terão maior nº de linhas de plantio na semeadura de trigo e arroz. MULTIPLANTA IMASA, além do plantio convencional, faz também o PLANTIO DIRETO em resteva de trigo.



TELEX

A COTRIJUI já tem instalado,
na sede (Ijuí), um aparelho
de Telex.

Decore o número!

0552 199

0552 199

0552 199

0552 199

0552 199

0552 199

0552 199

0552 199

CRESCCE O PLANTIO DIRETO



Eng. Agr. Nedy Rodrigues BORGES

Desde 1973 as lavouras demonstrativas de plantio direto vem sendo aprimoradas. Alguns agricultores mais progressistas, auxiliados por técnicos, vem modificando alguns fatores na busca da solução ideal.

As informações já disponíveis nos dão uma garantia no uso mais intenso dessa nova técnica. É necessário que técnicos e agricultores irmanados no mesmo espírito de colaboração, interesse e desprendimento, procurem a melhor solução para cada caso. As condições ideais para uma lavoura por certo não será a mesma para todas. O tipo de solo, quantidade de palha, espécies e desenvolvimento de inços, exigem dosagens de herbicidas e manejos diferentes.

O sistema de sucessão trigo-soja pela mobilização acentuada no preparo do solo em duas ocasiões durante o ano, torna o solo altamente susceptível à erosão. A cor avermelhada dos rios e a quantidade de terra solta depositada nas partes baixas

das estradas, mostra o caminho acelerado da erosão.

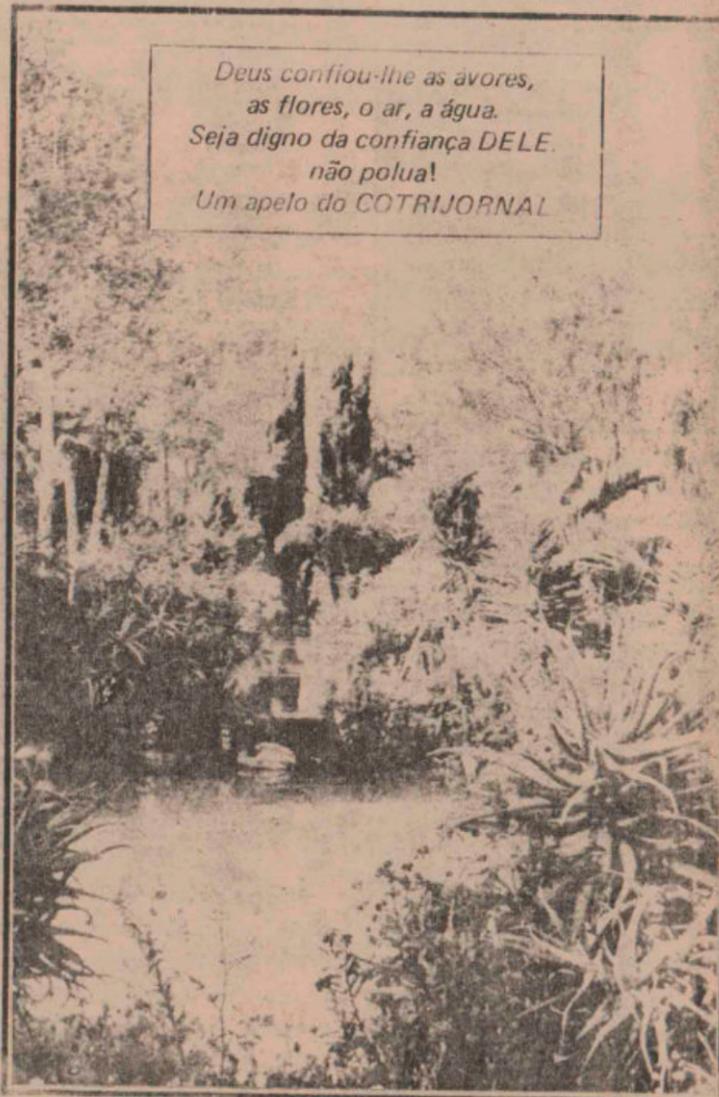
Jamais poderemos controlar a erosão sem introduzir pastagens nesse sistema de rotação de culturas ou a técnica do cultivo mínimo. Já existem na região lavouras com 6 plantios diretos sucessivos, onde se pode verificar o melhoramento da fertilidade e a conservação do solo. A camada superficial do solo pelo aumento da matéria orgânica já passou de vermelha a preta.

As vantagens do plantio direto tem sido ressaltadas pelo COTRIJORNAL, pelos nossos técnicos em programa de rádio e mediante contatos diretos com os agricultores.

No Centro de Treinamento Cotrijui, em Augusto Pestana, estamos desenvolvendo experimentos com plantio direto.

Nossos associados estão convidados a comparecer para observar o processamento daquele trabalho.

Deus confiou-lhe as avoas,
as flores, o ar, a água.
Seja digno da confiança DELE.
não polua!
Um apelo do COTRIJORNAL



**SEMENTE FORRAGEIRA
FISCALIZADA
(COTRIJUI)**

**Azevém anual, Aveia coronado
Aveia ipecoen e Trevo "yuchi"**

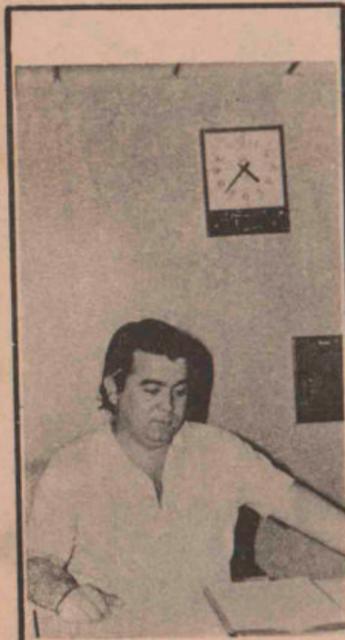
TRÂNSITO EM IJUI DEVE SER MODIFICADO (II)



Delegado Nelson Borgmann.



José Henrique da Silva



Natal Flores dos Santos

Prefeito eleito, Wilson Maximino Mânica, é favorável à criação de um Conselho Municipal de Trânsito – Delegado Nelson Borgmann da CIRETRAN, diz que idéia levantada pelo COTRIJORNAL defende problema antigo – Presidente da Câmara Municipal, José Henrique da Silva, diz que defende a mudança desde 1973.

Conforme o prometido em nossa edição de dezembro, voltamos a focalizar o trânsito de Ijuí. Naquela edição, ouvimos o tenente Ruy de Araújo Pinto, comandante da 6ª Cia da BM e o sr. Roberto Carlos Heiser, chefe do posto da Polícia Rodoviária Federal. Nesta edição apresentamos os depoimentos do titular da CIRETRAN, bacharel Nelson Borgmann; o presidente do Legislativo Municipal, vereador José Henrique da Silva; o prefeito eleito Wilson Mânica e o comerciante sr. Natal Flores dos Santos.

A seguir os depoimentos, a começar pelo delegado chefe da Ciretran.

PROBLEMA É DINHEIRO

Para o delegado da CIRETRAN, bacharel Nelson Borgmann, a modificação (conforme sugere o COTRIJORNAL) é tecnicamente viável; mas é preciso dinheiro.

Titular daquela especializada desde a sua criação em 1972, mas conhecedor do trânsito de Ijuí desde 1965, quando foi delegado de Polícia, reconhece que nosso trânsito está mal estruturado. Ressaltou que o problema levantado pelo COTRIJORNAL está nos planos da CIRETRAN há tempos.

Borgmann vê a necessidade, além de fixar as vias preferenciais no sentido leste-oeste e vice-versa, de estabelecer mão única às ruas centrais como José Bonifácio, 15 de Novembro, Benjamin Constant e outras. Mão única com estaciona-

mento duplo no sentido oblíquo, é o que deseja Nelson Borgmann.

Assim, explicou Nelson Borgmann, caso a Benjamin Constant desse passagem para quem transitasse no sentido norte-sul, a 15 de Novembro daria tráfego ao contrário. Mesmo deixando de ser vias preferenciais, dentro do novo esquema para o trânsito de Ijuí, tais artérias se revestiriam de vital importância, pois às suas margens se localizam a maioria dos estabelecimentos de crédito, hotéis, casas de comércio e outros de prestação de serviços, justo onde estacionamento é fator preponderante. O chefe da Ciretran lembrou outro aspecto: a sinalização. Considerando que cada placa sinalizadora está custando em torno de 200 cruzeiros, a uniformização das preferências reduziria os gastos.

Após reforçar a idéia da modificação, Nelson Borgmann fez ver que sem dinheiro pouco ou nada se vai conseguir.

E com respeito a recursos, a reportagem apurou que somente de Taxa Rodoviária Única (TRU), a CIRETRAN de Ijuí arrecadou em 1976 mais de 5,5 milhões de cruzeiros. Desse total, 20 por cento deveria retornar ao município e, pelo menos uma parcela considerável, reaplicada nos objetivos da própria fonte arrecadadora. Quanto a CIRETRAN, nada recebeu para que pudesse recolocar placas de sinalização ou dar a necessária manutenção aos conjuntos de sinaleiras. Com respeito a Prefeitura Municipal, sobre

quanto teria recebido de retorno da TRU, nada se apurou, uma vez que o prefeito se recusou a receber a reportagem para falar sobre o assunto trânsito.

O TRANSEUNTE

Muito relacionado em Ijuí, cordial e sempre prestativo, é Natal Flores dos Santos, gerente do Hotel Vera Cruz. Nascido e criado na Colmeia do Trabalho, diz que "chegou a hora de melhorar um pouco o nosso Ijuí, a começar pelo trânsito. Não falo só no caso do hotel, mas dos muitos bancos que aqui na rua 15 de Novembro seriam beneficiados com a implantação de mão-única; dos proprietários de automóveis que são obrigados a deixar os veículos quadras distante pela falta de vaga. Escreve aí no COTRIJORNAL – acentuou Natal – que sou favorável ao desenvolvimento de Ijuí, a começar por esta acertada medida de mudar o nosso trânsito, para melhor".

DEFENDE A MUDANÇA DESDE O ANO DE 73

Dentre os entrevistados, houve um que já é partidário da modificação do traçado do trânsito de Ijuí desde o ano de 1973. Como vereador mais votado e presidente da Câmara Municipal, José Henrique da Silva consultou o então Pelotão da Brigada Militar de Ijuí sobre as possibilidades de dar um traçado mais racional ao tráfego de veículos na cidade, tendo em vista o sentido que obedecem as ondulações do terreno no centro e outros fatores, como esta-

cionamento. Chegou a encaminhar projeto pedindo a construção de abrigos para os automóveis de aluguel que fazem ponto ao redor da Praça. É de opinião que de maneira como eles estacionam atualmente, atrapalham muito o trânsito. "Dou força a iniciativa do COTRIJORNAL, que não obstante ser de alcance regional, se preocupa com um problema de Ijuí, em particular, mas cuja solução trará reflexos positivos inclusive nos demais centros". José Henrique da Silva, reeleito vereador, afirmou que continuará lutando pela mudança, mais agora que uma campanha mobiliza os de bom senso que acreditam na necessidade. Finalizou dizendo que, "se não a curto, pelo menos a médio prazo Ijuí terá o trânsito que merece".

O prefeito eleito, Wilson Mânica, dará apoio a iniciativa se ela reunir uma maioria de opiniões. Mânica se mostrou favorável a criação em Ijuí de um Conselho Municipal de Trânsito, com o que as decisões passariam a ser tomadas não por indivíduos, mas por um órgão de representação comunitária, em atendimento aos anseios dessa mesma comunidade.

Acreditamos ter deixado claro nosso posicionamento: ver futuramente em Ijuí, não apenas duas vias preferenciais leste-oeste, mas todas as artérias traçadas nesse sentido, proporcionando um ir e vir mais seguro e racional, com diminuição de acidentes e aumento de vagas para estacionamento.